

FABIO ATTARD – MIGUEL ÁNGEL GARCÍA

O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana
a serviço dos jovens

Tradução:
P. José Antenor Velho



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

A883c Attard, Fábio

O acompanhamento espiritual: Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens. - L'Accompagnamento Spirituale - Itinerario pedagogico spirituale in chiave salesiana al servizio dei giovani / Fábio Attard; Miguel Ángel García; Tradução P. José Antenor Velho. -- Brasília, DF: EDB, 2015.

436 p.; 23,5 x 16,5 cm
– (Espiritualidade e Pedagogia Salesiana)
Inclui referências bibliográficas

ISBN: 978-85-7741-276-1

1. Salesianos - Vida espiritual. 2. Direção espiritual. 3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 - Ensinamentos. 4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622. 5. Vida cristã. 6. Fé I. Ángel García, Miguel. II. Velho, P. José Antenor, trad. III. Título. IV. Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens.

CDD 248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Salesianos - Vida espiritual
2. Direção espiritual
3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 – Ensinamentos
4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622
5. Vida cristã
6. Fé

Revisão : Zeneida Cereja da Silva
Diagramação: Helkton Gomes

Todos os direitos reservados à
EDITORA DOM BOSCO
SHCS - Quadra 505, Bloco B, sala 65
Asa Sul - Brasília-DF-70350-525
Tel.: (61) 3214-2300
www.edbbrasil.org.br

A EXPERIÊNCIA DA DIREÇÃO ESPIRITUAL VIVIDA POR DOM BOSCO NOS ANOS DO COLÉGIO ECLESIAÍSTICO DE TURIM (1841-1844)

Giuseppe BUCCELLATO, sdb

Antes de tomar uma resolução definitiva fui a Turim para aconselhar-me com o padre Cafasso, que se tornara desde alguns anos meu guia nas coisas espirituais e temporais. O santo sacerdote ouviu tudo, as ofertas de remuneração, a insistência de parentes e amigos, meu grande desejo de trabalhar. Sem hesitar um instante dirigiu-me estas palavras: ‘O senhor tem necessidade de estudar moral e pregação. Recuse por ora qualquer proposta e venha ao Colégio Eclesiástico’. Segui prazerosamente o sábio conselho, e a 3 de novembro de 1841 entrei para o referido Colégio.¹

Nos meses após a sua ordenação presbiteral, Dom Bosco, como muitos outros jovens presbíteros da sua diocese e do seu tempo, tem pela frente um difícil discernimento. A necessidade de encontrar o necessário sustento leva alguns a aceitarem encargos ocasionais, expondo-se ao risco de perderem o “espírito eclesiástico”. “Vários deles que, por talento, piedade e virtude, davam esperanças de se tornarem zelosos operários – lia-se num dos primeiros esboços de *Regulamento* do Colégio Eclesiástico –, depois de ordenados sacerdotes, no espaço fatal entre a ordenação e a destinação a uma ocupação fixa, perdem o fervor e o zelo, e se tornam inúteis”.²

A obediência ao “sábio conselho” de Cafasso assinala o início do tempo forte mais fecundo da experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco.

¹ SÃO JOÃO BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, Tradução de Fausto Santa Catarina, 3ª edição, revista e ampliada, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira, Editora Salesiana, São Paulo 2005, 116-117. A seguir, abreviaremos este texto com a sigla MO.

² Arquivo dos Oblatos de Maria Virgem (AOMV) [II Reg.] S. II, 255. Os escritos editados e inéditos, conservados no Arquivo dos Oblatos de Maria Virgem na casa geral em Roma, foram reproduzidos por meios eletrônicos do banco de dados do *Centre Informatique et Bible* de Maredsous (Bélgica) e publicados impressos: P. B. LANTERI, *Scritti e documenti d'archivio*, I-IV, Roma-Fossano 2002.

Sabemos pelas *Memórias do Oratório* que o primeiro verdadeiro guia espiritual de Dom Bosco foi o padre Calosso. Embora João Bosco fosse ainda adolescente, a consciência reflexa daquela *relação de acompanhamento* marcou indelevelmente a sua memória. “Fiquei sabendo, assim, quanto vale um guia estável – escreve Dom Bosco nos anos da maturidade –, um fiel amigo da alma, que até então eu não tivera”.³

O acompanhamento de Cafasso, especialmente no contexto do Colégio Eclesiástico de Turim, é decisivo e muito concreto para o amadurecimento espiritual e apostólico de Dom Bosco. “Se fiz algum bem – escreverá ele mesmo –, devo-o a este digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades”.⁴

Para compreender o quanto esta relação foi fecunda e determinante, procuraremos reconstruir alguns elementos essenciais das origens e do “projeto formativo” do Colégio, além de iluminar a figura de quem, por vinte e cinco anos, foi sua alma, S. José Cafasso; aliás, o próprio Cafasso frequentou o Colégio a partir de 1833, ano da sua ordenação presbiteral. Os ensinamentos de Cafasso fundem-se de forma vital com o projeto do Colégio e com o espírito de S. Afonso Maria de Ligório, e representam as linhas fundamentais da específica *pedagogia da santidade* que está na base “deste influxo de relações íntimas, que duraram pelo espaço de trinta anos”.⁵ “Esta é a primeira razão, realmente objetiva, pela qual a espiritualidade de Cafasso se transfundiu em São João Bosco”.⁶

Na primeira parte, de natureza histórico-analítica, acenaremos às origens do Colégio, ao seu “projeto formativo”, à figura de Cafasso, às impressões subjetivas de Dom Bosco muitos anos após a sua experiência como interno. Na segunda parte poremos em relevo alguns elementos fundamentais da experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco, cujas raízes afundam na relação de *acompanhamento espiritual* pessoal, vivida no específico contexto dos três anos transcorridos como aluno interno do Colégio. Finalmente, no apêndice, acenaremos a algumas *questões abertas*, a partir da experiência concreta e histórica de Dom Bosco, mas relacionadas com o contexto atual e as condições sociais e culturais de hoje.

³ MO 43.

⁴ *Ibid.* 120.

⁵ E. VALENTINI, *Presentazione in San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate nel 1860 da San Giovanni Bosco*, Turim 1960, 6.

⁶ *Ibid.*

1. AS ORIGENS DO COLÉGIO ECLESIAÍSTICO DE TURIM

O Colégio Eclesiástico de Turim surge em 1817,⁷ por inspiração do venerável Pio Bruno Lanteri e por iniciativa do teólogo Luís Fortunato Guala, nos locais anexos à igreja de S. Francisco, em Turim, na rua que ainda hoje traz o nome do “*poverello*” de Assis.

A abertura do Colégio foi um acontecimento denso de consequências para a igreja piemontesa;⁸ de fato, com o Colégio nascia em Turim uma nova “escola espiritual” de sacerdotes, dotada de clara identidade, que os distinguia daqueles formados pela Régia Universidade de Teologia. Ao rigorismo desta no âmbito da teologia moral, contrapunha-se da parte dos formadores do Colégio o desejo de eliminar os últimos resíduos de jansenismo (ou daquilo que, com ou sem razão, assim era chamado)⁹ e uma defesa sem reservas da autoridade do Papa. Esta diferença de perspectiva levará Dom Gastaldi, em 1878, à decisão de fechar o Colégio, acusado por alguns de *laxismo*; será reaberto pelo sobrinho de Cafasso, o cônego José Allamano, fundador dos Missionários da Consolata, em 1882.¹⁰

O colégio Eclesiástico de Turim deve o seu prestígio ao papel exercido por ele no Piemonte e também em outras partes¹¹ na difusão da teologia moral de S. Afonso, e a algumas eminentes figuras de reitores, como S. José Cafasso e seu sobrinho, o beato José Allamano, ou de alunos, como S. João Bosco, S. Leonardo Murialdo, o beato Clemente Marchisio.

O escopo declarado do Colégio era reunir, por dois ou três anos, jovens sacerdotes, ordenados havia pouco, para uma preparação mais próxima ao ministério presbiteral, em particular com vistas à pregação e à “habilitação” ao ministério das confissões. Uma incisiva expressão de Colombero, ex-aluno do Colégio e biógrafo de Cafasso, descreve-o como “um grupo de sacerdotes que precisam de uma última demão para se solidificar na virtude, revestir-se do espírito eclesiástico e sair preparados para o exercício do sagrado ministério”.¹²

⁷ O decreto oficial da aprovação por parte de Dom Chiaverotti traz a data de 23 de fevereiro de 1821.

⁸ Para o aprofundamento da história e do papel exercido pelo Colégio Eclesiástico e, em particular, por Cafasso na Igreja piemontesa, veja-se a rica bibliografia em G. TUNINETTI, *San Giuseppe Cafasso. Nota storico-biografica*, em G. CAFASSO, *Esercizi Spirituali al clero*, aos cuidados de L. Casto, Effatà, Cantalupa (TO), 2003, 28-33.

⁹ Cf. G. PENCO, *Storia della Chiesa in Italia*, II, Milão, 1977, 266.

¹⁰ Para aprofundar os motivos que levaram à crise e ao fechamento do Colégio, Cf. G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, II, Roma, 1988, 165-184.

¹¹ Cf. J. GUERBER, *Le ralliement du clergé français à la morale ligurienne*, Università Gregoriana, Roma, 1973.

¹² G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso, con cenni storici sul Convitto ecclesiastico di Torino*, Turim 1895, 79-80.

À luz dos documentos que acompanham a sua fundação, a ideia de instituir um Colégio nos locais anexos à igreja de S. Francisco de Assis é do venerável Pio Bruno Lanteri. Um memorial redigido por ele,¹³ entre novembro e dezembro de 1816, conservado em Pinerolo no arquivo geral dos Oblatos de Maria Virgem e dirigido ao vigário capitular monsenhor Gonetti,¹⁴ esclarece as intenções do fundador de implantar em Turim uma comunidade de Oblatos, aos quais confiaria, além da pregação de Exercícios Espirituais, das confissões e da assistência aos enfermos, a gestão de um Colégio para jovens eclesiásticos.¹⁵

O estabelecimento da dita Congregação – afirma Lanteri nesse memorial – oferecerá aos novéis sacerdotes, que ainda devem dedicar-se ao estudo da moral prática e que são obrigados a morar em casas de família com prejuízo para o espírito eclesiástico [...], a vantagem de uma módica pensão, de acordo com o seminário que a Congregação erigiria por conta própria.¹⁶ Sem [um Colégio] – acrescenta mais adiante –, desaparecem as esperanças dos superiores e se tornam inúteis as despesas feitas num quinquênio para a juventude.¹⁷

O primeiro projeto de Lanteri não recebeu a necessária aprovação, não sabemos se por oposição da autoridade eclesiástica ou da civil.¹⁸ Em todo caso, nesta altura, entra em jogo o teólogo Guala, amigo de Lanteri, e apresenta ao régio ecônomo dos bens eclesiástico, André Palazzi, um novo memorial, que traz a data de 8 de agosto de 1817.¹⁹

Tornando-se reitor da Igreja de S. Francisco em 1808, com a idade de trinta e três anos, Luís Maria Fortunato Guala, já havia algum tempo, tinha começado a acolher na pequena hospedaria de que dispunha, uns dez jovens sacerdotes,

¹³ O texto integral deste memorial é reproduzido por Mario ROSSINO, em apêndice, no seu artigo *Il Convitto Ecclesiastico di S. Francesco d'Assisi. La sua fondazione*, in *Archivio Teologico Torinese*, I (1995) 473-475.

¹⁴ Mons. Emanuel Gonetti fora vigário capitular da diocese de Turim no período que vai da morte de dom Jacinto della Torre (1814) até a nomeação de dom Columbano Chiaverotti.

¹⁵ Cf. G. USSEGLIO, *Il Teologo Guala e il convitto ecclesiastico di Torino*, Turim 1948, 11.

¹⁶ Arquivo dos Oblatos de Maria Virgem (AOMV) S. I, vol. VII, fasc. 3, doc. 289.

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ Para aprofundar a questão, veja-se a contribuição de Mario ROSSINO, já citado, em particular às páginas 458-461.

¹⁹ Cf. SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Beatificationis et canonizationis servi Dei Pii Brunonis Lanteri, fundatoris Congregationis Oblatorum M.V. positio super introductione causae et super virtutibus ex officio compilata*, Roma, 1945, 213.

com o objetivo de integrar a formação recebida no seminário, por meio de conferências diárias sobre a teologia moral “prática”.²⁰ Esta era, portanto, a situação pessoal do Teólogo Guala quando, três anos após este reconhecimento que testemunha a estima e a aprovação das autoridades civis e eclesiásticas, apresenta a André Palazzi uma solicitação a fim de obter o uso dos locais para o Colégio. Neste novo documento ele não acena à Congregação dos Oblatos; é um documento dramático, até mesmo apaixonado. Guala refere que o jovem clero, sem uma adequada assistência nos primeiros anos depois da ordenação, corre o risco de “perder o espírito eclesiástico”. Ele escreve:

Muitíssimas daquelas plantas, que no quinquênio davam esperanças de ótimo êxito, tornam-se estéreis pela falta de ulterior cultivo [...]. Embora não seja possível descrever, no entanto pode-se tocá-lo com as mãos, quão grande seja o dano que daí deriva para as almas e quanto ele deva ser lamentado nestes tempos de tanta penúria de ministros sagrados.²¹

A resposta de Palazzi, que traz a mesma data, é positiva. Assim, o terceiro andar do convento de S. Francisco de Assis é cedido ao uso proposto, “para utilidade da religião”.²²

A ideia do Colégio, promovida por Lanteri e compartilhada por Guala, que é aproximadamente dezesseis anos mais novo do que ele, a partir deste momento tem um só protagonista e promotor, o teólogo Guala.²³ Lanteri, embora mantendo sempre ótimas relações²⁴ com o seu amigo e discípulo, se dedicará à sua nascente Congregação dos Oblatos.

²⁰ Cf. G. USSEGLIO, *Il teologo Guala e il Convitto Ecclesiastico di Torino*, cit., 14.

²¹ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Beatificationis et canonizationis servi Dei Pii Brunonis Lanteri*, cit., 213.

²² Cf. SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Beatificationis et canonizationis servi Dei Pii Brunonis Lanteri*, cit., 215. O decreto oficial de aprovação eclesiástica traz a data de 23 de fevereiro de 1821 e é assinado por dom Columbano Chiaverotti; dois anos antes, o Vigário Gonetti tinha aprovado a primeira redação do Regulamento.

²³ A questão controversa sobre a “paternidade” do Colégio Eclesiástico, que animou durante anos o debate entre os partidários de Guala e os de Lanteri, depois da leitura destes documentos, a nós parece esclarecida. Em todo caso, sobre este tema, veja-se o artigo já citado do padre Mario ROSSINO *Il Convitto Ecclesiastico di S. Francesco d’Assisi*, em particular às páginas 470-471.

²⁴ Como prova desta afirmação, vejam-se as cartas que Guala e Lanteri continuarão a trocar entre si, muitas das quais se conservam na *positio Lanteri*. No testamento de Lanteri, o Colégio, na pessoa de Guala, é nomeado herdeiro universal, caso nesse meio tempo a Congregação dos Oblatos fosse extinta (Cf. P. CALLIARI (ed.), *Carteggio del Venerabile Pio Brunone Lanteri (1759-1830) fondatore della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine*, V, Turim, 1976, 413.

Também é possível, segundo afirma Calliari, que alguns motivos de prudência impedissem Lanteri de expor-se “em primeira pessoa” na fundação, da qual, com toda probabilidade, era o verdadeiro idealizador e inspirador; Guala, na verdade, era discípulo de Lanteri, assim como este era discípulo de Diessbach,²⁵ conforme exporemos.

O fato é que o ideal no qual o Colégio se inspira e que anima Guala é o mesmo de Lanteri e deriva certamente do programa da *Amizade Sacerdotal*,²⁶ associação de sacerdotes fundada em torno de 1783 por Nicolau von Diessbach, da qual tanto Lanteri quanto Guala fizeram parte. Depois, a partir de 1815, os encontros da *Amizade Sacerdotal* foram realizados no Colégio e tiveram como animador o próprio teólogo Guala.²⁷

1.1. Pio Bruno Lanteri

Pio Bruno Lanteri nasceu em Cuneo em 12 de maio de 1759. Sétimo filho de um médico, conhecido por algumas publicações sobre medicina, mas também pela sua bondade cristã para com os pobres entrara ainda jovem para a Ordem dos Cartuxos, talvez preocupado pelo tema da salvação eterna, tão apreciado pelos pregadores do tempo; não suportando, porém, a rigidez da regra, teve que sair pouco tempo depois.

Estabeleceu-se em Turim, onde frequentou a faculdade de Teologia da Régia Universidade, e teve como professor Nicolau José Alberto von Diessbach.

Diessbach tinha nascido em 1732 em Berna. Ficando viúvo, em 1759 entrou para a Companhia de Jesus na cidade de Turim; nesta cidade continuou a trabalhar, mesmo depois da supressão da Companhia em 1773. Amigo do redentorista checo S. Clemente Maria Hofbauer, conheceu S. Afonso Maria de Ligório e era um “ligoriano” entusiasta. Entre 1778 e 1780 fundou em Turim a *Amizade*

²⁵ Dessa opinião é Paolo CALLIARI quando escreve: “Eis um ponto de referência certo, ao qual é preciso retornar sempre que se buscam as verdadeiras origens do Colégio Eclesiástico: o trinômio Diessbach-Lanteri-Guala” (P. CALLIARI, *Gli Oblati di Maria. Fondazione a Carignano. Primi quattro anni di vita. 1816-1820*, San Vittorino 1980, 123). E mais adiante: “(Lanteri), homem de ponta, que enfrenta com coragem as situações mais árduas e intrincadas quando se trata de um bem a realizar ou de um mal a impedir, sabe eclipsar-se em tempo para não aparecer em público” (163). O estudo de CALLIARI sobre o Colégio é rico e documentado (Cf. em particular as páginas 118-174).

²⁶ Os estatutos da *Amizade Sacerdotal* são referidos por C. BONA, *Le “Amicizie”. Società segrete e rinascita religiosa (1770-1830)*, Turim, 1962, 503-511.

²⁷ Cf. G. USSEGLIO, *Il teologo Guala e il Convitto Ecclesiastico di Torino*, cit., 17.

Cristã, uma associação secreta de clérigos e leigos, ligados por *votos*, tendo por escopo a perfeição cristã, a promoção da difusão da boa imprensa e a luta contra o jansenismo e o regalismo ou jurisdicionalismo, e uma adesão convicta ao Papa no contexto do ultramontanismo.²⁸

O mesmo Diessbach fundara em 1783 a *Amizade Sacerdotal*, uma escola de perfeição evangélica e de preparação ao apostolado mediante a pregação, a teologia moral prática e a difusão da boa imprensa.

À escola de Diessbach, Lanteri conseguirá envolver também muitos leigos na ação de “reconquista cultural” da sociedade, utilizando como instrumento privilegiado a propagação do livro em todos os ambientes, por meio da leitura, do estudo e do exame de cada obra, e a sua difusão nas diversas classes sociais; em particular, sua melhor arma para opor-se à difusão de ideias e atitudes jansenistas no seio do mundo católico era a difusão das obras de S. Afonso Maria de Ligório.

Envolvido nos trágicos acontecimentos das relações entre Napoleão e Pio VII, defendeu com força a autoridade e o primado pontifício e, por isso, foi vi-
giado pela polícia francesa.²⁹ Depois de 1814 retomou seu apostolado, reorganizando a *Amizade Cristã* em duas diferentes associações, a *Amizade Católica*, reservada aos leigos, e a *Amizade Sacerdotal*.

Neste contexto social e religioso, amadurecerá a ideia da fundação dos Oblatos de Maria Virgem. Em 1816, Lanteri, atento aos sinais dos tempos e em continuidade com o programa da *Amizade Sacerdotal*, funda em Carignano uma Congregação que tem como finalidade difundir a boa imprensa, lutar contra os erros mais comuns, sobretudo aqueles contra o Papa e a Santa Sé, formar bons eclesiásticos e eficazes pregadores. Instrumento apostólico privilegiado é a pregação dos Exercícios Espirituais pelo método de santo Inácio.³⁰ Lanteri fora iniciado nesse tipo de obra por Diessbach.³¹

²⁸ Cf. G. DE ROSA, *Il movimento cattolico in Italia. Dalla Restaurazione all'età giolittiana*, Bari, 1988², 3-4. A obra mais completa sobre o tema das *Amizades* continua sendo a já citada do padre Candido Bona.

²⁹ Cf. G. DE ROSA, *Il movimento cattolico in Italia*, cit., 6-7. Veja-se também o cap. 27, sob o título *Un prete temuto da Napoleone*, di P. CALLIARI, *Servire la Chiesa. Il Venerabile Pio Brunone Lanteri (1759-1830)*, Caltanissetta 1989, 120-124.

³⁰ O padre Timóteo Gallagher demonstrou amplamente a centralidade dos Exercícios de S. Inácio na espiritualidade e no carisma do fundador dos oblatos; estes, ainda mais que os jesuítas, que Lanteri via empenhados em outras obras educativas, se consagravam à pregação dos exercícios segundo o método de Santo Inácio, para benefício dos padres e dos leigos de qualquer categoria ou classe (Cf. T. GALLAGHER, *Gli Esercizi di S. Ignazio nella spiritualità e carisma di fondatore di Pio Brunone Lanteri*, Roma, 1983, 37-47).

³¹ Cf. C. BONA, *Le “Amicizie”*, cit., 283.

Sua Congregação, dissolvida quatro anos mais tarde por causa de algumas incompreensões com o então arcebispo dom Chiaverotti, foi reconstituída em 1826 com a aprovação do Papa. Lanteri falecerá em Pinerolo, no Piemonte, em 1830.³²

1.2. Os Exercícios Espirituais e o santuário de *Santo Inácio no alto de Lanzo*

Outro elemento indispensável para compreender a experiência espiritual de Dom Bosco e a identidade formativa do Colégio é a sua relação com o santuário de S. Inácio, no alto do município de Lanzo, perto de Turim.

A prática dos Exercícios Espirituais é uma das características mais interessantes da espiritualidade do século XIX. Embora já existindo na Europa nos dois séculos anteriores, ela se difundiu e quase generalizou no século XIX, não somente para as ordens religiosas, mas também para o clero “secular”, os leigos devotos e os alunos das escolas.³³

Mais especificamente, a piedade dos leigos é sustentada e animada pelas *missões populares*, que podem ser consideradas como uma especial adaptação dos exercícios;³⁴ ao passo que os retiros anuais, fechados ou abertos, são praticados obrigatoriamente nas casas religiosas e nos seminários a partir do fim do século XVII, por disposição de Clemente XI e Bento XIV.³⁵

A obra de Lanteri, propagador entusiasta do método de S. Inácio, recebeu de certa forma sua “confirmação oficial” na diocese de Turim desde 1807, quando, junto com o teólogo Luís Guala, foi encarregado de pregar aos sacerdotes da diocese.

Guala e Lanteri decidiram restaurar e adaptar para essa finalidade os locais anexos a um antigo santuário que, depois da supressão da Companhia de Jesus em 1773, fora anexado à cúria arquiepiscopal de Turim e caíra em estado de quase completo abandono.

³² Sobre a espiritualidade de Lanteri e suas relações com Diessbach, veja-se também A. BRUSTOLON, *Alle origini della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine. Punti chiari e punti oscuri*, Turim 1995, em particular às páginas 82-90.

³³ Cf. J. DE GUIBERT, *La spiritualità della Compagnia di Gesù. Saggio storico*, Roma, 1992, 386-387.

³⁴ Sobre os “pregadores” neste período da história da espiritualidade italiana, veja-se G. TUNINETTI, *Predicabili: nell’otto-novecento*, em *Dizionario di omiletica*, aos cuidados de M. Sodi e A. M. Triacca, Elledici-Velar, Leumann-Gorle 2002, 1172-1177.

³⁵ Cf. *Enchiridion clericorum* nn. 139 ss; G. NICOLAI, *Il buon rettore del seminario*, Turim, 1863.

A construção do santuário de S. Inácio,³⁶ aproximadamente a 920 metros de altitude, pouco distante da cidade de Lanzo, uns quarenta quilômetros a noroeste de Turim, fora completada em 1727 pelos Jesuítas, que desde 1677 se tornaram proprietários de uma capelinha onde se venerava o Santo,³⁷ e dos terrenos circunstantes.

Nos primeiros anos, as experiências não foram isentas de incômodos e dificuldades materiais, mas já em 1808 a casa foi aberta oficialmente.

Depois, em 1814, o teólogo Luís Guala que alguns anos antes fora nomeado reitor da igreja de S. Francisco de Assis, tornou-se administrador do santuário por nomeação do arcebispo de Turim, dom Jacinto della Torre,³⁸ nomeação que será confirmada em 1836 por dom Fransoni.

Esta circunstância particular liga as vicissitudes do santuário às do Colégio Eclesiástico e enriquece de grande concretude o projeto formativo do Colégio. O apostolado dos Exercícios permanece como um horizonte constantemente presente e uma “proposta-síntese” que recolhe os esforços relacionados ao itinerário formativo do Colégio e como diremos ao *modelo* de presbítero que o projeto do Colégio tende a formar.

O regulamento do Colégio previa que cada ano escolar fosse concluído com os Exercícios no santuário de S. Inácio,³⁹ será precisamente no fim do primeiro ano como interno que Dom Bosco fará, pela primeira vez, os seus Exercícios em S. Inácio.

³⁶ Para estas e outras notícias históricas sobre o santuário, veja-se: G. TUNINETTI, *Il Santuario di Sant'Ignazio presso Lanzo. Religiosità, vita ecclesiale e devozione (1622 - 1991)*, Pinerolo (TO) 1992; F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*, Turim 1996, 160-163; *Storia del Santuario di Sant'Ignazio di Loyola presso Lanzo Torinese*, Turim, 1894; L. NICOLIS DI ROBI-LANT, *Vita del Venerabile Giuseppe Cafasso*, II, Turim 1912, 265-273.

³⁷ Em 1622, Inácio de Loyola foi proclamado santo. Seis anos mais tarde, na vila de Mezenile in Val di Lanzo, uma novena ao Santo pusera fim a uma perigosa invasão de lobos; no ano seguinte, uma mulher de um povoado vizinho, próximo ao lugar onde depois surgirá o santuário de S. Inácio na colina de Lanzo, viu uma misteriosa aparição, que depois se repetiu. Naquele lugar, a devoção popular quis erigir uma capelinha dedicada a S. Inácio; o pequeno templo foi teatro de numerosas peregrinações e de fatos prodigiosos atribuídos à intercessão do Santo (Cf. L. NICOLIS DI ROBI-LANT, *Vita del Venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 264-268).

³⁸ Em apêndice ao texto de Tiago COLOMBERO, já citado, é possível encontrar também as *Normas para a direção dos Exercícios Espirituais no santuário de S. Inácio*, compiladas pelo próprio teólogo Guala (367-379). Não é difícil notar os numerosos pontos de contato entre este regulamento e o compilado pelo padre Rua, logo depois do terceiro Capítulo Geral dos Salesianos (1883), que tinha dedicado ampla reflexão ao tema dos exercícios. O texto manuscrito compõe-se de treze grandes páginas e contém numerosas correções do próprio Dom Bosco (Cf. G. BUCCELLATO, *Gli esercizi spirituali nell'esperienza di Don Bosco e alle origini della società di San Francesco di Sales*, em M. Ko (ed.), *È tempo di ravvivare il fuoco*, Roma 2000, 128-132).

³⁹ G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 361.

Colégio e santuário de S. Inácio adquiriram, assim, um papel central na formação teológica e na vida espiritual do clero piemontês do século XIX. Em particular, o santuário foi um pouco o coração pulsante de toda a diocese de Turim durante os anos difíceis do Ressurgimento italiano.

À morte de Guala, Cafasso, que havia vários anos já iniciara seu apostolado pregando exercícios no santuário, assumiu sua administração. “O sucesso de suas pregações – assim nos informa o padre Lucio Casto – é comumente atestado por muitíssimos testemunhos: o mais das vezes, em S. Inácio não havia lugar para todos que desejavam fazer os Exercícios Espirituais com ele”.⁴⁰

2. O PROJETO FORMATIVO DO COLÉGIO ECLESIASTICO: CONTEÚDOS E MÉTODO

Após iluminar a origem e as instâncias que estão na base da existência do Colégio, vamos sintetizar as linhas mestras do seu “projeto formativo”. Pensamos poder “isolar” pelo menos três *ingredientes* principais deste *composto*:

- estudo da *moral prática*;
- exercitações de sagrada eloquência;
- exercitações apostólicas.

Vamos examinar um por um desses ingredientes, procurando evidenciar, de forma analítica, a *metodologia* adotada e os conteúdos a transmitir.

2.1. O estudo da moral prática

O objetivo mais imediato das conferências de moral era a preparação para o exercício do ministério das confissões; durante a permanência no Colégio, os jovens presbíteros faziam apenas um exame, destinado a obter a faculdade de confessar.

Conforme o terceiro regulamento e o testemunho dos internos, podemos afirmar que as conferências de moral eram ordinariamente duas, uma pela manhã, em torno das 11 horas, e uma à noite, às 19 horas, que se concluía com uma

⁴⁰ L. CASTO, *Introduzione alle Meditazioni al clero*, em G. CAFASSO, *Esercizi spirituali al clero. Meditazioni*, Turim 2003, 36.

“confissão prática”.⁴¹ A conferência da manhã era reservada só para os internos e ministrada por um *repetidor*; a conferência da tarde era pública e conduzida pelo teólogo Guala (até 1844), ao passo que Cafasso, que antes de suceder a Guala fora *repetidor* de moral, no fim da conferência da tarde, geralmente fazia o papel de penitente na *simulação* de uma confissão.⁴²

O texto oficial adotado ou, deveríamos dizer imposto, nas conferências de Turim era o *Commentaria theologiae moralis* de Antônio José Alasia,⁴³ de orientação probabiliorista; ou um seu compêndio em quatro volumes, editado pelo turinense Ângelo Stuardi, com o título de *Theologia Moralis breviori ac faciliiori methodo in quattuor tomos distribuita*,⁴⁴ dito familiarmente *Alasiotto*; deve-se notar, porém, que o texto de Alasia, no Colégio, era apresentado e explicado em sentido *afonsiano*.

De fato, já desde 1828, o teólogo Guala enviara a Roma uma súplica para tentar obter uma resposta oficial da Santa Sé, declarando *segura e conveniente* a doutrina de S. Afonso de Ligório, que, aliás, fora beatificado em 1816; seu pedido, porém, não recebeu resposta.⁴⁵ O espírito da obra afonsiana não obtivera muito êxito entre os moralistas piemonteses.

O fato de no Piemonte prevalecer o rigorismo moral – esta é a opinião de Francis Desramaut, biógrafo e estudioso de João Bosco no Colégio – cremos que, em parte, se explica sem a necessidade de invocar derivações jansenistas, mas a partir da reforma dos estudos em favor do tomismo e do agostinismo, reforma que levava à afirmação de um probabiliorismo exigente.⁴⁶

⁴¹ G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 359.

⁴² Cf. M. ROSSINO, *Gli inizi del Convitto ecclesiastico di S. Francesco d'Assisi*, cap. IV, B, 1, b. Trata-se de uma pesquisa, nunca publicada, que tenta reconstruir a história dos primeiros trinta anos de vida dessa instituição. Uma cópia dos capítulos IV e V desse estudo, que tratam em particular da vida e do ideal sacerdotal do Colégio, foi gentilmente posta à nossa disposição pelo autor com vistas à consulta; dado que tal cópia não tem as páginas numeradas, havendo necessidade de citá-la, mencionaremos o capítulo e o parágrafo.

⁴³ Antônio José Alasia (1731-1812) foi chefe das Conferências de Teologia Moral em Turim desde 1871. Em 1783 deu início a um detalhado tratado de Teologia Moral em 10 volumes, obra concluída somente vinte anos mais tarde.

⁴⁴ O texto foi editado pela primeira vez nos anos de 1826-1827 em Turim pela tipografia Alliana e Paravia.

⁴⁵ Cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, cit., 148.

⁴⁶ *Ibid.*, 148 [trad. nossa.].

A obra de Afonso que melhor se teria prestado para um curso de preparação para o ministério da confissão era, com toda probabilidade, aquele *Homo Apostolicus* que o próprio Pio Bruno Lanteri difundira no Piemonte,⁴⁷ despendendo muitas energias e dinheiro.⁴⁸

Em todo caso, a orientação do Colégio tendia a formar um pastor de almas “benigno na doutrina e amável no trato”.⁴⁹

De fato, o objetivo fundamental que brota do pensamento teológico de S. Afonso⁵⁰ é o de nunca permitir que o penitente desanime, embora sem renunciar a “desempenhar” o papel de juiz.⁵¹

Quanto ao sistema teológico – atesta o padre Reviglio no processo de Cafasso –, quer ele professasse o probabilismo ou o probabiliorismo, o certo é que adotava aquele sistema que, nas circunstâncias concretas, promovia melhor a glória de Deus, a conversão dos pecadores e a perfeição das almas devotas; de tal modo que, sem agarrar-se a uma opinião definida, declarava que mudaria a cada momento seu modo de ver, contanto que pudesse promover o bem dos seus penitentes.⁵²

Conforme atesta um estudo de Rossino, no plano metodológico, ordinariamente, a conferência se desenvolvia segundo um esquema prefixado.

⁴⁷ Segundo José Cacciatore “o cálculo, mesmo aproximativo, dos exemplares das obras de S. Afonso que (Lanteri) difundiu, sobretudo do *Homo Apostolicus*, revela-se impossível. Pode-se dizer que todas as edições particulares desta obra e de outras obras ascéticas e polêmicas de Ligório, publicadas no Piemonte entre 1790 e 1830, foram feitas por iniciativa e com o concurso financeiro de Lanteri e das suas três *Amizades*” (G. CACCIATORE, *S. Alfonso de' Liguori e il giansenismo*, Florença, 1942, 430).

⁴⁸ Cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, cit., 174.

⁴⁹ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, I, Roma, 2003, 163. Gioberti no *Gesuita moderno* acusará o Colégio de *laxismo*, além de *jesuitismo* (Cf. V. GIOBERTI, *Il gesuita moderno*, IV, Nápoles 1848, 279-281). Na realidade, a posição do Colégio e em particular de Cafasso, apresenta-se moderada e se, às vezes, parece inclinar-se mais para o probabilismo do que para o probabiliorismo, é só por contraste com a posição rigorista dominante.

⁵⁰ Pode-se fazer remontar essa perspectiva à própria espiritualidade de S. Inácio. “Não deixem partir ninguém com o coração amargurado”, escrevia S. Inácio a Simão Rodríguez. Na segunda regra sobre o discernimento dos espíritos antes da semana dos *Exercícios*, lemos: “É próprio do bom espírito transmitir coragem e energias, consolações e lágrimas, inspirações e serenidade, diminuindo e removendo toda dificuldade, para continuar caminhando pelos caminhos do bem”.

⁵¹ Segundo S. Afonso, “as atitudes que um bom confessor deve adotar são quatro: as de um pai, de um médico, de um doutor e de um juiz” (citado em F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, cit., 149).

⁵² O testemunho é referido por M. ROSSINO, *Gli inizi del Convitto*, cit., cap. V, 5, b.

Depois da oração, iniciava-se com a leitura do texto de Alasia ou do comêndio elaborado por Stuardi; parece que a leitura do texto era confiada a um dos internos. Em seguida, explicava-se o texto, sem prolongar-se em demasia. Propunha-se um ou mais casos. Solicitava-se a opinião dos presentes. Intervinha o professor para dar esclarecimentos e a solução final. Pelo menos a cada quinze dias propunha-se um caso a ser resolvido por escrito [...]. A conferência pública distinguia-se por uma particularidade a mais: o exercício prático da confissão.⁵³

Uma curiosidade: alguns testemunhos afirmam que Cafasso, nas conferências públicas, não se sentia acanhado em recorrer ao dialeto piemontês para fazer-se compreender melhor pelos seus ouvintes.⁵⁴

2.2. As exercitações de Sagrada Eloquência

Este é outro elemento básico do projeto formativo do Colégio, em cujo regulamento é declarado “ter-se sempre considerado necessários exercícios de preparação para o púlpito nos jovens Eclesiásticos, antes que sejam obrigados a isso por razões de emprego; por esta razão, já foram emanados pelos nossos reverendíssimos arcebispos providências a respeito”.⁵⁵

Embora não fosse uma prerrogativa absoluta sua, a escola de eloquência é parte vital do projeto formativo do Colégio, sobretudo com relação à experiência dos Exercícios inacianos. Não nos surpreende, portanto, encontrar os nomes dos jesuítas Minini,⁵⁶ Grossi, Segrini entre os docentes de eloquência no Colégio, em particular nos anos que precederam o reitorado de Cafasso.⁵⁷

⁵³ M. ROSSINO, *Gli inizi del Convitto*, cit., cap. IV, B, 1, d.

⁵⁴ Cf. *IBID.*, cap. IV, B, 1, e.

⁵⁵ G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 357. O primeiro dos decretos ao qual aqui se faz referência é, provavelmente, uma carta de dom Jacinto della Torre, de 26 de novembro de 1811, publicada novamente no ano sucessivo com algumas especificações, conforme afirma o salesiano Pietro Stella (P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, cit., 26). Nas páginas precedentes, o padre Pietro Stella também nos informa a respeito da instituição, em 1816, de uma cátedra de eloquência na Universidade de Turim. A carta é dedicada quase exclusivamente à pregação, “cuja importância – afirma Tuninetti – era sublinhada pela instituição no seminário de um triênio de teologia moral prática e de eloquência, obrigatório para o clero depois do quinquênio de teologia” (G. TUNINETTI, *Predicazione nell’Otto-Novecento in Dizionario di Omiletica*, M. SODI - A. M. TRIACCA (ed.), cit., 2002, 1240).

⁵⁶ O padre Fernando Minini pregou as instruções nos primeiros Exercícios Espirituais dos quais participou em 1842 o jovem sacerdote João Bosco, na conclusão do seu primeiro ano no Colégio (Cf. MB II, 122).

⁵⁷ Cf. M. ROSSINO, *Gli inizi del Convitto*, cit., cap. IV, II, B, 2, b.

Do testemunho de alguns antigos alunos é possível deduzir que não se tratava somente de lições teóricas, mas também de “exercícios do púlpito”, caracterizados pela proposta de um esboço que depois era posto por escrito e submetido ao parecer dos professores e, às vezes, também dos colegas.⁵⁸ Cafasso “costumava propor um tema de pregação – escreve Colombero – ou parte de um sermão a ser composto no espaço de quinze dias e, depois, devia ser lido em público na Conferência, se não erro, aos sábados”.⁵⁹

Para compreender a importância dada ao ministério da pregação por Cafasso, que gradativamente assumiu a responsabilidade também da escola de sagrada eloquência, temos à disposição uma *instrução* preparada por ele para um curso de Exercícios Espirituais ao clero, inteiramente dedicada a esse tema. Longe de privilegiar a *forma* mais que o *conteúdo*⁶⁰ ou de considerar a eloquência sagrada como pura arte oratória, Cafasso quer que as pregações não sejam abstratas, mas práticas e próximas da realidade de quem as ouve.

Deixemos de lado aquilo que nunca ou muito raramente pode acontecer ao nosso povo – escreve na sobredita instrução – e falemos o mais que pudermos das virtudes, dos pecados e dos defeitos em família e de todos os dias, da oração, dos sacramentos, da paz, dos sofrimentos em família [...]; e tratemos esses pontos de forma adaptada e prática, de tal modo que todos possam observar em si mesmos a situação que o pregador descreve, mostrando onde se encontra o mal, e aprender a maneira de remediá-lo.⁶¹

Embora o tom moralizante fosse claro, todavia, também é evidente a preocupação em evitar certo tipo de pregação intelectual, especulativa, pobre de afinidades com a vida do auditório. Ao mesmo tempo, não faltam nesta instrução de Cafasso certo otimismo benévolo e a exortação para encorajar o auditório, mais do que inquietá-lo, apresentando a virtude e a santidade como inatingíveis.

⁵⁸ *Ibid.* Conservam-se no arquivo da Casa Geral dos Salesianos algumas exercitações de Dom Bosco compiladas nos anos transcorridos no Colégio (1841-1844). Muitos dos temas tratados são de evidente proveniência inaciana (*Introdução aos Exercícios Espirituais, a morte, o pecado, o fim do homem, os dois estandartes, a comunhão frequente...*). Cf. ACS A 225.

⁵⁹ G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 89.

⁶⁰ Cf. G. TUNINETTI, *Predicazione nell’Otto-Novecento*, cit., 1241.

⁶¹ O texto é referido por Lucio Casto em *Gli Esercizi Spirituali al clero di San Giuseppe Cafasso*, in *Archivio Teologico Torinese* I (1995) 496.

“Não sei donde provém – escreve Cafasso –, mas nós pregadores temos o costume e a tendência de falar com mais frequência e de boa mente da parte mais difícil que a lei do Senhor pode apresentar e de pôr em relevo as dificuldades em observá-la, mais do que procurar aplainar (as dificuldades) que se encontram... [...] e que, por isso, é difícil observar os mandamentos, difícil fazer uma boa confissão, difícil receber bem a santa comunhão, difícil até mesmo ouvir missa com devoção, difícil rezar como se deve, difícil, sobretudo, chegar a salvar-se, e que são bem poucos os que se salvam; e o que acontece com tantas dificuldades que, se não são exageradas, pelo menos são repetidas com frequência? Os bons se inquietam e desanimam, os maus perdem a esperança e quase nem mais se preocupam”.⁶²

2.3. As exercitações apostólicas

Outro elemento formativo do Colégio Eclesiástico de Turim é constituído pelas oportunidades oferecidas aos jovens sacerdotes de vivenciarem experiências apostólicas “conduzidas” em ambientes particularmente difíceis, experiências que lhes permitiam aumentar a bagagem humana e espiritual e, ao mesmo tempo, orientar-se na escolha do apostolado mais conveniente para eles, com vistas a um compromisso definitivo.

O objetivo de Cafasso era duplo. “Além de educar os seus discípulos à vida sacerdotal – esclarece Colombero –, o nosso sábio preceptor na direção do Colégio aplicava sua criatividade a outro objetivo importante, isto é, ao estudo dos próprios alunos, do seu caráter, das suas disposições, das suas tendências com o fim de dar-lhes uma conveniente colocação depois de dois anos de conferências. Ele fazia este tipo de estudo tanto nas conversas em particular, quanto no quarto de hora de recreio que passava conosco ou então à mesa, ora aqui, ora ali, durante o correr do ano”.⁶³ O melhor recurso para o conhecimento, a guia e o discernimento destes jovens, portanto, era o simples compartilhamento da sua vida cotidiana.

⁶² *Ibidem* 496-497.

⁶³ G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 93-94.

3. O PAI DO NOSSO PAI

José Cafasso nasceu no dia 11 de janeiro de 1811 em Castelnuovo d’Asti, o mesmo município onde, aproximadamente quatro anos mais tarde, nascerá Dom Bosco.⁶⁴

Fisicamente pouco dotado, “pequena estatura, olhos cintilantes, aparência afável, rosto angélico”,⁶⁵ Cafasso foi um dos primeiros alunos do novo seminário de Chieri no ano de 1827.

Em 1833, logo após a ordenação presbiteral, entrou para o Colégio Eclesiástico de Turim, onde permaneceu, primeiro como estudante, depois como repetidor e docente de teologia moral⁶⁶ e, finalmente, como reitor após a morte do teólogo Guala em 1848; manteve este encargo até a morte, ocorrida em 23 de junho de 1860.

Além do ensino da moral, dedicou-se de modo especial à pastoral dos presos e dos condenados à morte e à pregação de Exercícios Espirituais ao clero e a leigos; este último aspecto fundamental do seu apostolado sacerdotal terá reflexos na experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco.

⁶⁴ Para um estudo biográfico e espiritual de Cafasso, vejam-se: *Taurinen. Beatificationis et canonizationis Servi Dei Josephi Cafasso sacerdotis saecularis collegii ecclesiastici taurinensis moderatoris...*, 5 vv., Roma 1906-1922; G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, Turim 1895; L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, 2 vv., Turim 1912; L. ZANZI, *Lo spirito interiore del beato Giuseppe Cafasso : proposto ai sacerdoti e ai militanti nell’Azione cattolica*, Bassano del Grappa 1928; C. SALOTTI, *Il santo Giuseppe Cafasso. La perla del clero italiano*, Turim 1947³; A. GRAZIOLI, *La pratica dei confessori nello spirito di san Giuseppe Cafasso*, Colle Don Bosco (AT) 1953; F. ACCORNERO, *La dottrina spirituale di san Giuseppe Cafasso*, Turim 1958; AA.VV., *San Giuseppe Cafasso maestro e modello del clero*, Chieri 1960; AA.VV., *Morale e pastorale alla luce di san Giuseppe Cafasso*, Turim 1961; L. MUGNAI, *S. Giuseppe Cafasso prete torinese*, Sena 1972; S. QUINZIO, *Domande sulla santità : Don Bosco, Cafasso, Cottolengo*, Turim 1986; G. BUCCELLATO (ed.), *San Giuseppe Cafasso. Il direttore spirituale di Don Bosco*, Roma 2008. Vejam-se também as introduções às edições críticas da *Edição Nacional das obras de S. José Cafasso*. Trata-se de seis volumes de recente publicação pela editora Effata de Turim, editados entre 2002 e 2009: *Esercizi spirituali al clero. Meditazioni, Missioni al popolo. Meditazioni, Predicazione varia al popolo. Istruzione e discorsi, Epistolario e testamento. Esercizi spirituali al clero. Istruzioni, Scritti di morale*.

⁶⁵ A descrição é do próprio Dom Bosco em MO 47.

⁶⁶ Cafasso, por 24 anos, lecionou *teologia moral prática*, usando como referência fundamental a doutrina de santo Afonso Maria de Ligório, enquanto em boa parte do ensino oficial ainda dominasse uma orientação rigorista. “Apóstolo eminentemente prático, não pretendeu fundar uma “escola” de teologia moral, nem defender um sistema mais do que outro, embora, precisamente para ser fiel ao seu propósito de buscar todos os meios para a salvação das almas, aceitasse serenamente o probabilismo” (DICASTERO PER LA FORMAZIONE, *Sussidi* 2, Roma 1988, 246).

Cafasso recolheu minuciosamente seus apontamentos em numerosos cadernos, mas não publicou nada; seu sobrinho, o cônego José Allamano,⁶⁷ no início do século passado, cuidou da impressão de alguns volumes de meditações e instruções para o povo e o clero com objetivos pastorais.⁶⁸

A partir de 2002 iniciou-se a edição crítica dos escritos de Cafasso. Na *Edizione Nazionale delle opere di San Giuseppe Cafasso*, com a contribuição de alguns valentes estudiosos turinenses, já foram publicados seis volumes de meditações, instruções, conferências, ensinamentos do Santo de Castelnuovo. Esses volumes são um instrumento indispensável para compreender que tipo de padre e de cristão Cafasso se propunha formar.

Aqui mais do que nunca – sublinhava o padre Lucio Casto, presidente da comissão científica que cuidou desta *Edição Nacional* – emerge claramente o pensamento de Cafasso a respeito do padre, do seu ser e do seu agir, e, ao mesmo tempo, em transparência, uma crítica sutil a outros modelos ou estilos de vida sacerdotal, não só imaginados por Cafasso, mas vivos e reais no seu tempo.⁶⁹

⁶⁷ O beato José Allamano, que foi reitor do santuário da Consolata em Turim e do Colégio Eclesiástico, e fundador das Missões Estrangeiras da Consolata, era filho de uma irmã de Cafasso. Como testemunhou ele mesmo durante a causa de beatificação, viu o tio somente uma vez, na idade de seis anos. Seu testemunho, além de apoiar-se em notícias conservadas em família, baseou-se também em pregações e confidências de Dom Bosco, que ele conheceu durante a sua permanência de quatro anos no Oratório de S. Francisco de Sales, onde fez seus estudos ginasiais (Cf. *Taurinen. Beatificationis et canonizationis Servi Dei Josephi Cafasso..., Positio super introductione causae*, 9-10). Sobre a figura do Servo de Deus, veja-se I. TUBALDO, *Giuseppe Allamano, Il suo tempo, la sua opera*, Turim 1982.

⁶⁸ Cf. G. CAFASSO, *Meditazioni per esercizi spirituali al clero. Pubblicate per cura del Can. Giuseppe Allamano*, Canonica, Turim 1892; G. CAFASSO, *Istruzioni per esercizi spirituali al clero. Pubblicate per cura del can. Giuseppe Allamano*, Turim 1893; G. CAFASSO, *Sacre missioni al popolo*, Turim 1923. Estes escritos fazem parte da coleção em cinco volumes das *Obras completas* editadas em Turim pelo Instituto-Colégio Internacional da Consolata para as Missões Estrangeiras de 1923 a 1925.

⁶⁹ L. CASTO, *Gli Esercizi Spirituali al clero di San Giuseppe Cafasso*, cit., 483. Neste artigo, Casto evidencia, coerentemente com esta premissa, algumas imagens negativas de sacerdote, tais como as estigmatizou Cafasso, como a do *padre ocioso*, exemplo de inatividade e de vida cômoda, ou a do *padre anfíbio*, isto é, do padre que passa com desenvoltura dos compromissos do ministério a ocupações seculares ou mundanas (Cf. 490-491).

3.1. O dom do Conselho⁷⁰

O influxo exercido pela doutrina e pelo zelo pastoral de S. José Cafasso sobre o clero turinense foi muito forte. Embora seu raio de ação possa parecer limitado aos alunos do Colégio, ele, como afirma o salesiano padre Flavio Accornero, foi mestre de sacerdotes e, portanto, “multiplicou” o seu influxo sobre a Igreja do Piemonte:

Foi um homem capaz de opor-se ao mal – escreve Accornero – e, como sacerdote e mestre de sacerdotes, soube conduzir a batalha do Senhor, desenvolvendo com zelo indizível a sua atividade em favor das almas. Precisamente o fato de ter trabalhado num campo restrito e fechado, como o do confessionário, do púlpito e da escola de um colégio, acabou resultando para Cafasso num fato de indiscutível penetração, pois ele trabalhou com multiplicadores: todo o clero do Piemonte, pode-se dizer, teve-o como inspirador e animador dos novos caminhos, todos os diretores de almas tiveram-no como diretor. E as suas doutrinas, as suas palavras, as suas ideias passaram de sacerdote a sacerdote, de paróquia a paróquia, de alma a alma [...]. Por isso, pode-se admirar uma floração de alunos, de fundadores de instituições religiosas, de orientações ascéticas e morais, de santidades iniciadas. O quanto há de Cafasso em suas atividades e em sua santidade? Certamente, muitos elementos que brotaram da fonte do nosso Santo penetraram na vida desses homens que representam as personalidades mais espiritualmente conhecidas do século piemontês e que na sua gigantesca estatura espiritual provam a bondade e a força da semente da qual germinaram.⁷¹

As duas primeiras biografias de Cafasso, a de Colombero (1895) e a de Di Robilant (1912), dedicam muitas páginas ao *dom do conselho*.⁷²

⁷⁰ O dom do conselho é considerado, na tradição católica, um dos sete dons do Espírito Santo: os outros seis são: *sabedoria, inteligência, fortaleza, ciência, piedade, temor de Deus*. Este termo nos proporciona uma chave de leitura importante sobre a verdadeira natureza da relação de *acompanhamento espiritual*, isto é, de acompanhamento *no, através e com* o dom do Espírito Santo, que assiste os dois protagonistas da relação.

⁷¹ F. ACCORNERO, *La dottrina spirituale di san Giuseppe Cafasso*, cit., 155. 157.

⁷² Na obra citada de Colombero encontramos um capítulo com o título *Padre Cafasso e o dom do conselho* (às páginas 167-187) e, em Di Robilant, o Livro VI, com o título *O conselheiro*, subdividido nos capítulos: *Dom do conselho, Os Bispos, Os Párocos, Os Sacerdotes, Os Clérigos, Os Fundadores, Padre João Bosco, As famílias cristãs, As pessoas de serviço*, num total de 76 páginas (149-225).

Aconselhar os duvidosos – escreve o primeiro – é uma das mais belas obras de misericórdia, mas isso não é dado a todos: para exercê-la é necessário possuir uma aptidão especial. O nosso servo de Deus tinha abundantemente tal aptidão, como atestam de forma unânime os que o conheceram. Ela provinha de estudos sérios jamais interrompidos, de certa facilidade natural em aplicar as teorias a casos específicos, de uma consumada experiência dos homens e das coisas, de um fino bom-senso que nele nunca falhava, da penetração dos corações, de certo inexplicável intuito sobrenatural, de que a amorosa Providência o dotara de forma abundante.⁷³

A biografia de Di Robilant, em particular, aponta, entre tantos discípulos que gozaram dos dons do discernimento de Cafasso, bispos, sacerdotes, fundadores, homens de toda classe social e cultural; entre os fundadores, o biógrafo assinala além do padre Aglesio, primeiro sucessor de Cottolengo, a bem conhecida marquesa Julieta Falletti di Barolo, padre João Cocchi, Domingos Sartori, fundador das Filhas de Santa Clara, Francisco Faà di Bruno, o teólogo Gaspar Saccarelli, fundador do Instituto da Sagrada Família, Francisco Bono, fundador das Filhas de São José e Lourenço Prinotti, fundador do Instituto dos Surdos-mudos pobres;⁷⁴ finalmente, o nosso Dom Bosco, a cujo relacionamento com Cafasso Di Robilant dedica um capítulo inteiro.⁷⁵

Além de doutor – escreve Di Robilant –, responsável pela comunidade, confessor e apóstolo, o Venerável ainda era chamado de *Vir consiliorum*. “De fato”, foi escrito por ocasião de sua morte, “sabe-se que tanto na Capital quanto fora, qualquer membro do clero ou do laicato que precisasse de conselhos e de orientação para acertar assuntos da própria consciência [...] recorria ao padre Cafasso como a fonte segura”. Começando pelos bispos e passando por todas as classes da sociedade, até aqueles que o mundo considera como pessoas sem importância [...], todos encontravam nele aquela palavra que, por estar isenta de qualquer desejo humano, se revestia da marca divina da verdade e se adaptava a todas as medidas sociais.⁷⁶

⁷³ G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 166.

⁷⁴ Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 202-208.

⁷⁵ Cf. *ibidem* 208-230.

⁷⁶ *Ibidem* 149-150. As duas citações referidas são extraídas de dois jornais da época, *L'armonia e Il campanile*.

Entre as muitas considerações e testemunhos que enriquecem a figura de Cafasso como diretor espiritual e depositário do dom do *conselho*, limitamo-nos a sublinhar duas ocorrências:

- a. O *dom* de ler “no coração de quem lhe falava”. Di Robilant, referindo um testemunho de P. Bargetto, atesta: “Todos declaravam [...] que o padre Cafasso conhecia o íntimo da alma antes ainda que as pessoas tivessem terminado de lhe falar. Muitas delas diziam que ele lia no coração e nos sentimentos daqueles que recorriam a ele”.⁷⁷
- b. Outra característica do acompanhamento de Cafasso é a sua autoridade:

As respostas do nosso Venerável, além de claras, prontas e incisivas, eram eminentemente autorizadas [...]. Tanta segurança unida a outros dotes não deixava a mínima hesitação em quem o interrogava; por isso, as suas respostas, enquanto comunicavam serena persuasão ao coração, eram consideradas como um oráculo por quem as tinha provocado.⁷⁸

Desta persuasão – acrescenta o biógrafo mais adiante – de que ele fosse assistido por luzes sobrenaturais ao aconselhar, nascia a confiança acima acenada por parte daqueles que a ele recorriam.⁷⁹

3.2. Padre Cafasso e Dom Bosco

José Cafasso (1811) e João Bosco (1815) nasceram a poucos anos de distância, em Castelnuovo d’Asti, que, a partir de 1817, passará a fazer parte da diocese de Turim. Ambos foram alunos do seminário filosófico-teológico de Chieri; o primeiro no triênio 1830-1833 (ano da ordenação; Cafasso tem 22 anos...) e o segundo nos anos 1835-1841.

Seu primeiro encontro é narrado nas *Memórias do Oratório* pelo próprio Dom Bosco à distância de mais de quarenta e cinco anos do acontecimento. Segundo a lembrança do autor das *Memórias*, era o segundo domingo do mês de outubro de 1827; os habitantes de Morialdo, vilarejo de Castelnuovo d’Asti, celebravam a festa da Maternidade de Maria. Dom Bosco escreve:

⁷⁷ *Ibid.* 152.

⁷⁸ *Ibid.* 153.

⁷⁹ *Ibid.* 156.

Muitos andavam atarefados em casa ou na igreja, enquanto outros se mantinham como espectadores ou tomavam parte em jogos ou brinquedos diversos. Só vi uma pessoa longe de qualquer espetáculo. Era um clérigo de pequena estatura, olhos cintilantes, aparência afável, rosto angélico. Apoiava-se à porta da Igreja. Fiquei como fascinado pela sua figura, e apesar de ter apenas doze anos, movido pelo desejo de falar-lhe, aproximei-me e dirigi-lhe estas palavras: Senhor cura, quer ver algum espetáculo da nossa festa? Eu o levo com muito gosto aonde desejar. Ele fez gentilmente um sinal para que me aproximasse e começou a perguntar sobre minha idade, sobre o estudo, se já havia recebido a sagrada comunhão, com que frequência me confessava, aonde ia ao catecismo e coisas assim. Fiquei encantado por aquela maneira edificante de falar, respondi com satisfação a todas as perguntas e depois, como para agradecer-lhe a afabilidade, renovei o oferecimento de acompanhá-lo para ver algum espetáculo ou novidade. Meu caro amigo – replicou –, os espetáculos dos padres são as funções de Igreja; quanto mais devotamente se celebrarem, tanto mais agradáveis serão. Nossas novidades são as práticas da religião, que são sempre novas e, por isso, deve-se frequentá-las com assiduidade. Estou só esperando que se abra a igreja para poder entrar. Criei coragem para continuar a conversar e acrescentei: É verdade tudo quanto me diz. Mas há tempo para tudo: tempo para ir à igreja e tempo para divertir-se. Ele se pôs a rir e concluiu com estas memoráveis palavras, que foram como o programa de toda a sua vida: Quem abraça o estado eclesiástico entrega-se ao Senhor, e nada do mundo deve interessar-lhe, a não ser o que pode redundar em maior glória de Deus e proveito das almas.⁸⁰

É quase supérfluo sublinhar que as lembranças de Dom Bosco são entregues a uma Congregação apenas nascida para servir “de norma para superar as dificuldades futuras” e “como penhor do seu carinho paterno”.⁸¹ A visão austera que emerge da resposta final de Cafasso é uma clara indicação de Dom Bosco para os seus Salesianos.

O influxo exercido pela personalidade de Cafasso sobre Dom Bosco, mais jovem do que ele aproximadamente quatro anos e meio, foi decisivo. Dom Bosco mesmo não nos deixa dúvidas a respeito: “Se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico”.⁸²

⁸⁰ MO 47-48. O encontro, na realidade, teria ocorrido em 1829, segundo o estudo dos salesianos Klein e Valentini (Cf. J. KLEIN – E. VALENTINI, *Una rettificazione cronologica delle “Memorie di San Giovanni Bosco”*, em *Salesianum* 17 (1955) 3-4, 581-610).

⁸¹ *Ibid.* 23.

⁸² *Ibid.* 120.

Quanto às relações entre os dois santos, assim testemunhou o salesiano João Cagliero, então arcebispo titular de Sebaste e vigário apostólico da Patagônia, no processo de beatificação de Cafasso:

O nosso venerável Dom Bosco tinha uma estima muito especial pelo venerável Cafasso, estima íntima e unida a um santo afeto que o ligava a ele e que o tornava seu humilde discípulo, perante a bondade e santidade do seu grande mestre, durante 20 anos que o teve como diretor espiritual, como seu único confidente e conselheiro. Nós, que tínhamos um grandíssimo conceito da bondade e das virtudes de Dom Bosco, junto com o maior afeto e a profunda veneração pela sua santidade, tínhamos um conceito ainda maior a respeito do seu mestre padre Cafasso quanto à sua bondade, às suas virtudes e à sua santidade. Eu mesmo, em diversas ocasiões, nas quais tive a oportunidade de apresentar-me ao venerável Cafasso e ouvir suas calorosas exortações, persuadi-me do que Dom Bosco nos referia.⁸³

A este propósito, o padre Eugênio Valentini, na apresentação da reedição da *Biografia do Padre José Cafasso*,⁸⁴ por ocasião do ano centenário da sua morte, em 1960, escreveu:

Humanamente falando, sem S. José Cafasso, nós não teríamos S. João Bosco e provavelmente nem mesmo a Congregação Salesiana. Foi ele que o aconselhou, guiou na opção do seu estado de vida, formou no Colégio Eclesiástico e depois o dirigiu, defendeu e apoiou nos momentos difíceis da vida. A espiritualidade do mestre se transfundiu em boa parte no discípulo, e nós, hoje, relendo estas páginas à distância de um século, percebemos facilmente o entrelaçado e, por assim dizer, a fusão destas duas espiritualidades... O padre Cafasso foi para Dom Bosco o mestre, o diretor espiritual, o confessor, o benfeitor por excelência. Ora, este influxo de relações íntimas, que duraram pelo espaço de trinta anos, não podia não deixar uma marca – e que marca! – na vida do discípulo. Esta é a razão, realmente objetiva, pela qual a espiritualidade de Cafasso se transfundiu em São João Bosco.⁸⁵

⁸³ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Taurinen. Beatificationis et canonizationis Servi Dei Josephi Cafasso... Positio super introductione causae*, 482.

⁸⁴ A referência completa é G. Bosco, *Biografia del Sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri*, Turim 1860.

⁸⁵ E. VALENTINI, “Presentazione”, in *San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate nel 1860 da San Giovanni Bosco*, Turim 1960, 6.

Relembrar rapidamente alguns episódios e momentos nos quais as vidas destes dois santos se encontraram é útil para proporcionar-nos uma percepção mais clara do que realmente foi decisivo na vida de Dom Bosco, este “influxo de relações íntimas” de que fala o padre Valentini;⁸⁶ procuremos pelo menos recordar algumas etapas fundamentais.

Depois do primeiro encontro, ocorrido muito provavelmente em 1829, o guia e o apoio do padre Cafasso foram decisivos, na consciência reflexa de Dom Bosco, em algumas situações de *discernimento*, em particular:

- na decisão de não abandonar os estudos para poder abraçar o estado eclesiástico (cf. MO 47-48; MB I, 287);
- na decisão de não entrar para o noviciado dos Menores Reformados de Nossa Senhora dos Anjos (cfr. MB I, 303);
- na decisão de entrar para o seminário di Chieri (cf. MB I, 305);
- na dissipação das dúvidas que precederam a vestidura clerical e o pedido para ser admitido às ordens (cf. MB I, 363-364; MO 110);
- na decisão de entrar para o Colégio Eclesiástico logo depois da ordenação sacerdotal (cf. MO 116; MB II, 38-39), e na *primeira missa*, celebrada por Dom Bosco na igreja de S. Francisco de Assis, anexa ao Colégio Eclesiástico, onde o Cafasso era “chefe de conferências” (cf. MO 111);
- na orientação das suas primeiras experiências pastorais (cf. MO 116-117. 120. 127-128);
- na persuasão decidida de não partir para as missões e de não “entrar para a vida religiosa” na Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, no fim de um curso de Exercícios Espirituais;⁸⁷
- na contribuição para a orientação geral da sua vida apostólica também no que concerne ao apostolado da *boa imprensa*;⁸⁸
- na orientação de alguns projetos particulares da vida do nascente Oratório de S. Francisco de Sales.⁸⁹

⁸⁶ Para uma síntese dos principais acontecimentos, vejam-se as páginas 208-230 do segundo volume da já citada *Vita del Venerabile Giuseppe Cafasso* de Di Robilant e a biografia de Colombero *Vita del Servo di Dio...* às páginas 188-198.

⁸⁷ Cf. MB II, 203; L. N. DI ROBILANT, *Vita del Venerabile Giuseppe*, cit., 215-216.

⁸⁸ Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del Venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 222.

⁸⁹ Cf. *Ibid.*, 216-221. Padre Cafasso apoiou desde o início a obra de Dom Bosco, não só espiritualmente, mas também como generoso benfeitor. Ao morrer, Cafasso era ainda proprietário de uma parte do Oratório de S. Francisco de Sales que deixou em herança a Dom Bosco, junto com uma oferta em dinheiro e o perdão de todas as dívidas (Cf. G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 198).

O afeto, a estima e o reconhecimento de Dom Bosco para com seu mestre e benfeitor são testemunhados pelo agudo sofrimento que lhe causou o seu desaparecimento⁹⁰ e pelo seu desejo de guardar e perpetuar a sua memória.

O padre José Allamano testemunha:

Por sugestão do servo de Deus padre João Bosco, um ano antes de sua morte, para conservar a memória do venerável [Cafasso], mandei uma circular a todas as pessoas que julguei tivessem tido alguma relação com ele, para colher notícias a respeito de sua vida. Estas memórias, eu as entreguei depois ao cônego Colombero, pároco de santa Bárbara em Turim.⁹¹

A biografia de Cafasso escrita por Colombero, da qual já falamos, será a primeira biografia verdadeira e documentada. Dom Bosco, antes de Colombero, por longo tempo, acariciara a ideia de escrever uma; foi o que testemunhou seu sobrinho, padre José Alamano, afirmando também que o projeto não teve êxito, conforme as palavras do Santo, por causa do misterioso desaparecimento dos documentos que estavam guardados num armário do Oratório.⁹²

3.3. A *Biografia do Padre José Cafasso de 1860*

Em 23 de junho de 1860 morre o padre Cafasso. Dom Bosco, então, tinha quase cinquenta anos.

Duas semanas depois, na igreja do Oratório, com a voz interrompida diversas vezes pela emoção,⁹³ celebra uma missa de sufrágio. Aproximadamente dois meses mais tarde, no dia 30 de agosto, é celebrada outra Eucaristia na igreja de S. Francisco de Assis, anexa ao Colégio Eclesiástico; também naquela ocasião Dom Bosco pronuncia o elogio fúnebre.

No fim do ano, os dois discursos são reunidos num fascículo das *Leituras Católicas*. Dom Bosco acrescenta-lhes uma introdução, os avisos sacros expostos

⁹⁰ Cf. E. VALENTINI, *Presentazione in San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate...*, cit., 30-32.

⁹¹ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Taurinen. Beatificationis et canonizationis Servi Dei Josephi Cafasso... Positio super introductione causae*, 10. Esta confidência ele a teria recebido do próprio Dom Bosco já próximo da sua morte (Cf. E. VALENTINI, *Presentazione in San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate...*, cit., 33-34).

⁹² Esta confidência ele a teria recebido do próprio Dom Bosco já próximo da sua morte (Cf. E. VALENTINI, *Presentazione in San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate...*, cit., 33-34).

⁹³ Cf. D. RUFFINO, *Cronache dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. n. 1, 1860, 10.

por ocasião da morte do seu mestre, algumas devoções promovidas por Cafasso, comprometendo-se a redigir, num segundo tempo, uma verdadeira e própria biografia.

A frequência e a profundidade das relações entre estes dois santos obrigam-nos a folhear estas páginas com particular atenção.

Quem és tu, pergunto a mim mesmo – afirma Dom Bosco em certo ponto – que pretendes expor os maravilhosos feitos deste herói? Não sabes que suas mais belas ações somente Deus as conhece?⁹⁴

Apesar desta premissa, é precisamente nesta vida “particular” que Dom Bosco quer concentrar a atenção do leitor. “Por vida particular entendo, de maneira especial, o exercício das virtudes praticadas nas suas ocupações familiares que, em geral, pouco aparecem diante dos olhares do mundo, mas que talvez sejam as mais meritórias aos olhos de Deus”.⁹⁵

O que mais impressiona nesses dois discursos é a capacidade de Dom Bosco de colher, na experiência espiritual de Cafasso, a específica síntese de caridade apostólica e de ascese, de trabalho incansável e de oração.

Da vida juvenil de Cafasso, o nosso autor observa:

Com que assiduidade ele vai à igreja, toma parte nas sagradas funções, frequenta os santos sacramentos! Desde então começam as maravilhas. Vai ouvir a palavra de Deus, depois a repete a seus companheiros e amigos. Trabalha, mas suas fadigas se misturam com jaculatórias, com atos de paciência, com ofertas contínuas do seu coração a Deus.⁹⁶

À caridade heroica, o padre Cafasso soma seu profundo espírito de oração:

O padre Cafasso dedica-se incansavelmente ao estudo da história sagrada, da história eclesiástica, dos santos padres, da teologia moral, dogmática, ascética, mística, da pregação, prepara casos de moral para o curso das paróquias, toma exames de confissão. Quando eu venho a esta igreja, vejo-o de joelhos a rezar, ora diante do altar de Maria, ou prostrado diante do SS. Sacramento, em adora-

⁹⁴ G. Bosco, *Biografia del Sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri*, cit., 18.

⁹⁵ *Ibid.*, 25.

⁹⁶ *Ibid.*, 68.

ção; ou então está no confessionário, rodeado de longa fila de fiéis, ansiosos por expor-lhe as angústias da sua consciência, por receber dele normas para viver bem: vão ao santuário da Consolata e encontram o padre Cafasso cumprindo exercícios de devoção; visitem as igrejas onde se fazem as Quarenta Horas, e lá está ele prostrado, desafogando seus doces afetos para com o amado Jesus.⁹⁷

Sobre o mesmo tema, no discurso fúnebre, Dom Bosco dizia:

Por isso, mesmo no frio do inverno mais rígido, quando sofria de dor de estômago, de cabeça, de dentes, a tal ponto que com dificuldade podia manter-se de pé, antes das quatro da manhã, já estava de joelhos a rezar, a meditar ou a cumprir alguma de suas obrigações.⁹⁸

Qual é o “segredo” desta “maravilhosa quantidade de ações diversificadas” que, apesar disso, não distraem o Santo da sua vida de oração? Dom Bosco indica, não uma, mas cinco:⁹⁹ a sua constante tranquilidade, a longa prática de seus afazeres unida à grande confiança em Deus, a exata e constante ocupação do tempo, a sua temperança, a moderação no repouso. Quanto a este ponto, Dom Bosco escreve:

O padre Cafasso ganhou tempo ao moderar-se no repouso. O único descanso para seu frágil corpo que ele se permitia durante o dia eram os três quartos de hora depois do almoço, no quais, fechado em seu quarto, em geral rezava, meditava ou se ocupava em alguma prática especial de piedade. De noite, era sempre o último a deitar e de manhã o primeiro a levantar-se. A duração do repouso noturno nunca excedia às cinco horas, muitas vezes eram quatro e às vezes até mesmo três. Ele costumava dizer que um homem de Igreja deve acordar uma só vez durante a noite. Com estas palavras ele nos garante que, acordando, independentemente da hora, logo se levantava da cama para rezar, meditar ou realizar algum outro trabalho.¹⁰⁰

Estes segredos, que ele “não conseguiu manter suficientemente escondidos para que não fossem conhecidos por quem admirava as suas santas ações e nele se

⁹⁷ *Ibid.*, 89-90.

⁹⁸ *Ibid.*, 33 .

⁹⁹ Cf. *Ibid.*, 91-97.

¹⁰⁰ *Ibid.*, 95 .

espelhava por causa das suas preciosas virtudes”,¹⁰¹ e que suscitam a reconhecida admiração do seu discípulo, permitem ainda uma vez conhecer em maior profundidade “o modo de sentir” de Dom Bosco.¹⁰²

O padre Valentini, a propósito desta *Biografia* e da *afinidade espiritual* entre os dois santos, escreve:

Há um motivo [...] pelo qual nós encontramos nessas páginas tão admiráveis coincidências. É que cada homem, ao retratar os outros, de certa forma retrata a si mesmo. De fato, nos outros, nós somente notamos os aspectos que nos impressionam, que se situam no espaço dos nossos interesses, que revelam parte das soluções dos problemas que nos preocupam.¹⁰³

Esta sugestiva hipótese parece encontrar confirmação em alguns testemunhos da tradição.

Em 29 de setembro de 1926, o padre Felipe Rinaldi, então Reitor-Mor da Congregação Salesiana, escrevia ao cardeal Antônio Vico, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, uma carta em que, vinculando-se com juramento, entre outras coisas afirmava sobre Dom Bosco:

Nos últimos anos [...], todos os dias, ele costumava retirar-se para o quarto, das 14 às 15 horas, e os superiores não permitiam que alguém o incomodasse naquela hora. Todavia, sendo eu, de 1883 até a morte do Servo de Deus, encarregado de uma casa de formação de aspirantes ao sacerdócio e tendo-me ele dito, que, precisando, eu o procurasse, talvez por indiscrição, certamente para poder me encontrar com ele com maior comodidade, rompi várias vezes a norma. Não só no Oratório, mas também em Lanzo e em San Benigno, aonde ele ia frequentemente, em Mathi e na casa de S. João Evangelista em Turim, muitas vezes eu fui ter com ele precisamente naquela hora para falar-lhe. Em toda parte e sempre, eu o surpreendi recolhido, com as mãos juntas, em meditação.¹⁰⁴

¹⁰¹ *Ibid.*, 92.

¹⁰² Há uma singular incongruência numa citação que o padre Juan Vecchi fez destas páginas, na carta *Quando rezardes, dissei “Pai nosso”*... de 2001. Dom Bosco escreve: “Com estes cinco segredos, o padre Cafasso encontrava o modo de realizar muitas e variadas coisas em pouco tempo e assim levar a caridade ao mais sublime grau de perfeição...”. Ao passo que na citação do padre Vecchi lê-se: “Com estes quatro segredos – conclui Dom Bosco – encontrava o modo de realizar muitas e variadas coisas em pouco tempo e assim levar a caridade ao mais sublime grau de perfeição”. O segredo que “desaparece” na carta do Reitor-Mor é precisamente o do seu hábito de rezar durante a noite...

¹⁰³ E. VALENTINI, *Presentazione em San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate*, cit., 6-7.

¹⁰⁴ A carta, datada de 29/9/1926, é anexada em apêndice aos documentos da causa.

A correspondência é singular, mas, afinal, não é surpreendente; nada mais natural que o discípulo tenha assimilado os hábitos do mestre em cujas mãos depositara, por tantos anos, *todas as decisões, estudos e atividades*.¹⁰⁵

Também relativamente aos “hábitos noturnos” de Cafasso é possível encontrar uma correspondência na vida de Dom Bosco. Até a idade de 45 anos, de fato, segundo confidência feita por ele mesmo ao padre Lemoyne no dia 5 de abril de 1884, Dom Bosco não dormia mais do que cinco horas por noite, saltando toda semana uma noite inteira;¹⁰⁶ somente depois, fragilizado pela doença, mitigou este intenso estilo de vida.

O conhecimento dos escritos do fundador, neste como em muitos outros casos, revela-se como um instrumento *indireto*, mas precioso, para conhecer a sua experiência espiritual.

4. O JUÍZO DE DOM BOSCO SOBRE A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ECLESIAÍSTICO

Que ressonância tiveram, subjetivamente, em Dom Bosco, esses três anos de permanência no Colégio? Qual é seu juízo na idade madura? Leiamo-lo nas *Memórias do Oratório*:

O Colégio Eclesiástico vem a ser um complemento dos estudos teológicos, porquanto nos nossos seminários estuda-se somente a dogmática especulativa; na moral, estudam-se apenas as questões disputadas. Nele aprende-se a ser padre. Meditação, leitura, duas conferências por dia, aulas de pregação, vida recolhida, toda a comodidade para estudar, leituras de bons autores, eram as ocupações às quais qualquer um devia aplicar-se a fundo.¹⁰⁷

Num dos primeiros esboços do regulamento do Colégio podia-se ler entre linhas a mesma instância: “Observa-se também que depois do estudo das ciências

¹⁰⁵ Cf. MO 120.

¹⁰⁶ G. B. LEMOYNE, *Ricordi di gabinetto*, abril de 1884; o conteúdo desta confidência depois foi inserido por ele mesmo nas *Memórias Biográficas* (Cf. IV, 187). Em outro lugar, o próprio padre Lemoyne escreve: “O fervor na oração incessante mantinha Dom Bosco sempre unido com Deus. Ascânio Savio estava persuadido que Dom Bosco passasse em vigília muitas horas da noite e às vezes a noite inteira, rezando” (MB III, 589).

¹⁰⁷ MO 117.

dogmáticas e especulativas por um quinquênio nos seminários, os jovens, quando são ordenados sacerdotes, pouco ou nada sabem da prática do confessionário, da ciência do púlpito, da maneira de comportar-se saudavelmente com o mundo, particularmente nas dificuldades atuais que o exercício do ministério encontra, nas quais é necessária maior ciência e prudência”.¹⁰⁸

Os três “protagonistas” da experiência formativa do Colégio, Guala, Golzio e Cafasso, emergem assim das lembranças do fundador dos Salesianos:

Duas celebridades estavam naquele tempo à frente de tão útil instituto: o teólogo Luís Guala e o padre José Cafasso. O teólogo Guala era o fundador da obra. Homem desinteressado, rico de ciência, prudência e coragem, fizera-se tudo para todos no tempo do governo de Napoleão I. Para que os jovens levitas, ao terminar os estudos, pudessem aprender a vida prática do sagrado ministério, fundou aquele maravilhoso viveiro, que tanto bem fez à Igreja, sobretudo extirpando algumas raízes de jansenismo que ainda persistiam entre nós. Entre outras questões agitava-se muito a do probabilismo e do probabiliorismo... O teólogo Guala situou-se com firmeza entre os dois partidos, e, pondo como centro de qualquer opinião a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, conseguiu aproximar os extremos. As coisas chegaram a tal ponto que, graças ao teólogo Guala, santo Afonso tornou-se o mestre das nossas escolas, com as vantagens por tanto tempo desejadas, cujos salutareos efeitos hoje experimentamos. Braço direito de Guala era o padre Cafasso. Com sua virtude a toda a prova, com sua calma prodigiosa, sua perspicácia e prudência, pôde suavizar as asperezas que ainda permaneciam em alguns probabilioristas com relação aos seguidores de santo Afonso. No padre turinense teólogo Félix Golzio,¹⁰⁹ também do Colégio, escondia-se verdadeira mina de ouro. Na sua vida modesta, pouco barulho fez; mas com seu trabalho indefesso, com sua humildade e ciência era um verdadeiro apoio, ou melhor, o braço direito de Guala e Cafasso. Prisões, hospitais, púlpitos, institutos de beneficência, doentes em suas próprias casas, cidades, povoados e, podemos dizer, os palácios dos grandes e os tugúrios dos pobres experimentaram os salutareos efeitos do zelo desses três luminares do clero de Turim. Eram eles os três modelos que a divina Providência me oferecia, e dependia só de mim seguir suas pegadas, doutrina e virtudes.¹¹⁰

¹⁰⁸ ARQUIVO DOS OBLATOS DE MARIA VIRGEM (AOMV) [II Reg.] S. II, 255.

¹⁰⁹ Félix Golzio (1807-1873) foi diretor espiritual do Colégio, onde fora aluno de Cafasso, de quem posteriormente se tornou confessor (cf. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, cit. vol. II, 196). Era dotado de grande humildade e ciência, como testemunha Dom Bosco. Depois da morte de Cafasso, em 1860, foi confessor de Dom Bosco até 1873, ano da sua morte.

¹¹⁰ MO 118-120.

Este juízo decididamente positivo pronunciado por Dom Bosco nos mesmos anos da aprovação definitiva das Constituições (1874) e da consolidação da *Sociedade*, faz emergir indiretamente uma espécie de indicação programática a respeito de como “se aprende a ser padre”: meditação, leitura, duas conferências por dia, exercícios de pregação, vida retirada...

Ainda uma vez, a releitura das *Memórias do Oratório* neste particular nível cronológico, isto é, como documento histórico que nos permite reconhecer o projeto de vida sacerdotal proposto em idade madura na Congregação por ele fundada, permite enriquecer o conhecimento do juízo de Dom Bosco a respeito de um programa formativo “de bom êxito” e, em particular, a respeito da função atribuída à vida de oração e ao *recolhimento*.

5. OS TRÊS ANOS EM QUE DOM BOSCO SE TORNOU DOM BOSCO

Em novembro de 1841, Dom Bosco entra, então, para o Colégio Eclesiástico de Turim, onde permanecerá por quase três anos, como era permitido “aos jovens que mais se distinguiam por piedade e por estudo”.¹¹¹

O modelo formativo do Colégio cavou um sulco indelével na sua experiência humana e religiosa; de fato, parece-nos poder afirmar que não é possível conhecer Dom Bosco sem percorrer novamente um por um os elementos fundamentais do “projeto formativo” do Colégio turinense e ali reencontrar os reflexos da sua experiência espiritual e pastoral.

Em particular, o padre Cafasso, exercendo o dom do discernimento, *acompanha* Dom Bosco na elaboração de um projeto de vida em que a caridade para com Deus e para com os jovens se fundem numa coerente *pedagogia da santidade*.

Agora tentaremos, de forma sincrônica, pôr em evidência alguns elementos deste projeto, sem a pretensão de sermos exaustivos, mas com o desejo de *reconhecer*, de conhecer a origem de alguns elementos característicos da vida e da proposta espiritual do nosso fundador.

¹¹¹ Cf. G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio D. Giuseppe Cafasso*, cit., 190.

5.1. Aqui se aprende a ser padre...

O “modelo” proposto pelo Colégio é o que surgiu no fim do Concílio de Trento, embora com acentuações características e originais; confirma-o implicitamente também o segundo regulamento quando “confia este Colégio à especial proteção de São Francisco de Sales e de São Carlos Borromeu, que criaram e promoveram instituições semelhantes”.¹¹² Os regulamentos tendem substancialmente a formar um eclesiástico reservado e afastado do mundo.

Os propósitos tomados por Dom Bosco na sua ordenação sacerdotal revelam, já antes de seu ingresso no Colégio, uma concepção austera da vida presbiteral. Como sabemos, estes propósitos não se encontram nas *Memórias do Oratório*, mas num caderno autógrafa cujo conteúdo é conhecido pelos Salesianos pelo nome de *Testamento espiritual*, mas cujo verdadeiro título, este também autógrafa, é *Memórias de 1841 a 1884-5-6 pelo Sacerdote João Bosco para os seus filhos Salesianos*.¹¹³

A redação deste importante documento autobiográfico começou em 1884 e foi finalizada em 24 de dezembro de 1887, pouco mais de um mês antes da conclusão da experiência terrena de Dom Bosco, dia em que o caderno passou para as mãos do seu secretário de então, padre Carlos Viglietti.

No início deste livreto, prevalentemente dedicado a uma série de disposições, conselhos e recomendações para depois de sua morte, Dom Bosco retorna ao período da sua ordenação presbiteral e aos propósitos feitos então:

Comecei os Exercícios Espirituais na casa da Missão no dia 26 de maio, festa de São Felipe Neri, de 1841.

A sagrada ordenação foi ministrada por Dom Luís Fransoni, nosso arcebispo, na capela de sua residência, no dia 5 de junho daquele ano.

A primeira missa foi celebrada em S. Francisco de Assis, assistida pelo meu insigne benfeitor e diretor padre José Cafasso, de Castelnuovo d’Asti, no dia 6 de junho, domingo da SS. Trindade.

Conclusão dos exercícios feitos em preparação à celebração da primeira santa missa foi: o padre não vai sozinho para o céu, ou não vai sozinho para o infer-

¹¹² AOMV S. II, 255.

¹¹³ O padre Francesco Motto cuidou da edição crítica deste caderno de aproximadamente 140 páginas. Cf. G. Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel Sac. Gio Bosco a’ suoi figliuoli salesiani* a cura di F. Motto, LAS, Roma 1985.

no. Se fizer o bem, irá para o céu com as almas salvas por ele por meio do seu bom exemplo; se fizer o mal, se der escândalo, irá para a perdição com as almas condenadas pelo seu escândalo.

Resoluções:

1° Nunca fazer passeios, a não ser por grave necessidade: visitas a doentes etc.

2° Ocupar rigorosamente bem o tempo.

3° Sofrer, fazer, humilhar-se em tudo e sempre, quando se trata de salvar almas.

4° A caridade e a doçura de S. Francisco de Sales me guiem em tudo.

5° Mostrar-me-ei sempre contente pela comida que me será preparada, contanto que não seja prejudicial à saúde.

6° Tomarei vinho misturado com água e somente como remédio: isto é, somente quando e quanto for exigido pela saúde.

7° O trabalho é uma arma poderosa contra os inimigos da alma, por isso, não concederei ao corpo mais do que cinco horas de sono cada noite. Durante o dia, especialmente depois do almoço, não descansarei. Farei alguma exceção em casos de doença.

8° Todos os dias dedicarei certo tempo à meditação, à leitura espiritual. Durante o dia farei uma breve visita ou pelo menos uma oração ao SS. Sacramento. Farei pelo menos um quarto de hora de preparação e outro quarto de hora de agradecimento da santa missa.

9° Nunca mantere conversas com mulheres, a não ser no caso de ouvi-las em confissão e de qualquer outra necessidade espiritual.

Estas memórias foram escritas em 1841.¹¹⁴

Esta concepção da vida presbiteral encontra autorizada confirmação nos ensinamentos de Cafasso, que tendem a despertar nos jovens presbíteros uma grande consciência da sua “dignidade”, mas, ao mesmo tempo, também da sua “diversidade” em relação aos outros homens.

Nesta perspectiva, *modelo e tipo* do sacerdote é o próprio Jesus:

Se os meus pensamentos – afirma o padre Cafasso numa meditação ao clero – os meus afetos, as minhas obras não são as do Divino Salvador, devo desiludir-me: terei o nome, o título, o caráter de sacerdote, mas na realidade não o sou; serei sacerdote, sim, mas afastado, separado do princípio que deve me animar; sacerdote, mas cópia disforme, degenerada do tipo e do modelo.¹¹⁵

¹¹⁴ FdB 748 D 7-10.

¹¹⁵ G. CAFASSO, *Manoscritti* [Copia Camisassa], Medit. X, f. 1.

Seria anacrônico imaginar, no projeto do Colégio, uma reflexão teológica sobre o sacerdócio comum ou uma fundamentação do sacerdócio ministerial a partir do de Jesus Cristo.

Analogamente, assim como Jesus é o modelo do padre, também o padre deve tornar-se modelo do seu rebanho; se ele for santo, sua própria vida se torna, também ela, o mais eficaz instrumento de pregação. “Nada dispõe com maior eficácia os outros à piedade e ao culto assíduo de Deus – afirmara o Concílio de Trento – do que a vida e o exemplo daqueles que se dedicam ao ministério divino”.¹¹⁶

5.2. Caridade pastoral, jovens das “camadas populares” e primeiros catecismos

Da *identidade* do padre deriva sua *tarefa* no mundo. A imagem que mais se destaca é a do *padre-pastor*, que *faz as vezes de Jesus Cristo na terra*, dado à *pregação* e ao *confessionário*, tomado de ardente zelo pelas almas, que o torna “criativo”, para responder aos desafios e às necessidades do “território”.

Uma contribuição qualificada para a formação do padre-pastor – escreve a este propósito Tuninetti – provém sem dúvida alguma do Colégio Eclesiástico de S. Francisco de Assis, primeiro sob a direção do teólogo Luís Guala e, sobretudo depois, sob a guia e o exemplo de José Cafasso; em seguida, também do Colégio Eclesiástico da Consolata, sob a guia do padre José Allamano. Ambos foram escolas de pastoral, cujos responsáveis também souberam intuir e propor caminhos novos e horizontes mais vastos diante das necessidades imprevistas que a pastoral paroquial não parecia estar em condições de satisfazer: eis então o padre Cafasso, vice de Guala, perante a imigração de tantos jovens que ficavam abandonados, sugerir a um grupo de jovens sacerdotes do Colégio, entre os quais Dom Bosco, o caminho novo dos oratórios festivos e a obra dos limpa-chaminés¹¹⁷.

¹¹⁶ *SS. Conc. Tridentini decreta*, sess. XXII, 17 de setembro de 1562.

¹¹⁷ G. TUNINETTI, *Il prete e i preti nell'ottocento piemontese*, in *Rivista Diocesana Torinese* 74 (1997) 572.

Já no primeiro memorial, de autoria de Pio Bruno Lanteri, esta perspectiva está muito bem evidenciada. A propósito dos escopos da nascente Congregação dos Oblatos, diz-se:

Assistir os enfermos nos hospitais e os encarcerados, o povo simples, isto é, os empregados domésticos, os aprendizes etc., que em torno de 5 mil por ano saem curados dos hospitais, depois de receber neles certo cultivo da alma pela meditação das máximas eternas, e ajudando-os em seguida na meditação dessas máximas por meio das confissões, poderiam tornar-se bons cristãos e úteis cidadãos.¹¹⁸

Bons cristãos e úteis cidadãos... Esta citação justifica a inspiração que está na base de uma das mais características sínteses do projeto educativo salesiano. Esta atenção aos “encarcerados e às camadas populares”, aos aprendizes, caracteriza, em continuidade com o projeto de Lanteri, as experiências apostólicas do Colégio. É conhecida a atividade de Cafasso na assistência dos jovens presos e dos condenados à morte. Dom Bosco refere:

Começou primeiro por levar-me às prisões, onde pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens. Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles sadios, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou. A vergonha da pátria, a desonra das famílias, a infâmia aos próprios olhos personificavam-se naqueles infelizes.¹¹⁹

Outra iniciativa promovida ou sustentada pelo Colégio é a atividade catequética e de “animação” dos meninos e adolescentes. Di Robilant, recolhendo numerosos testemunhos, afirma “com absoluta certeza que (os catecismos) começaram antes de 1841”¹²⁰ e, portanto, antes daquele 8 de dezembro que os filhos de Dom Bosco sempre consideraram como o início ideal da obra do Oratório.¹²¹

¹¹⁸ *Ibid.*

¹¹⁹ MO 120-121.

¹²⁰ L. NICOLIS DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 8.

¹²¹ Pietro Stella, portanto, conclui: “O catecismo que Dom Bosco fez a Bartolomeu Garelli em dezembro de 1841, algumas semanas depois de sua chegada a Turim, foi decisivo para ele, jovem sacerdote, mas não foi o primeiro que houve no Colégio Eclesiástico turinense. De fato, pelo que parece, o ensino da doutrina aos jovens já fazia parte do programa de formação pastoral dos sacerdotes internos” (P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit. 95).

5.3. Uma *Sociedade* de leigos e eclesiásticos

Como se pode facilmente deduzir dos primeiros textos constitucionais, Dom Bosco imaginava dar vida a uma única *Sociedade*, composta de eclesiásticos e de *membros externos*, isto é, sacerdotes e leigos que, embora continuando a viver em família, eram ligados pelas mesmas *Regras* e juntos colaboravam na educação da juventude pobre.

Em 1873, no diálogo com os consultores que tinham a tarefa de examinar o texto das Constituições da nascente Sociedade, foi decidida de modo definitivo a exclusão do capítulo das Constituições sobre os *membros externos*. Este diálogo fora difícil desde o início; apesar das observações recebidas, Dom Bosco não queria renunciar ao seu projeto originário, reapresentando-o obstinadamente.

No ano seguinte à aprovação das Constituições da *Sociedade*, 1875, ele começou a traçar as grandes linhas de uma associação laical, à qual de início deu o nome de *União de S. Francisco de Sales*, mas que dois anos depois foi reconhecida por um Breve pontifício de Pio IX de 9 de maio de 1876 com o título de *União dos Cooperadores Salesianos*. Seu primeiro regulamento afirmava:

Aos Cooperadores Salesianos propõe-se a mesma missão da Congregação de S. Francisco de Sales, à qual entendem associar-se. 1. Promover novenas, tríduos, Exercícios Espirituais e catecismos, sobretudo nos lugares onde há falta de meios materiais e morais. 2. Dado que nestes tempos faz-se sentir gravemente a penúria de vocações ao estado eclesiástico, assim, os que puderem, dedicarão cuidados especiais aos jovens e também adultos que tiverem as qualidades morais necessárias e as aptidões ao estudo ou mostrarem indícios de serem chamados [...]. 3. Opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, por meio da difusão de bons livros, folhetos, folhetos impressos de todo tipo, nos lugares e entre as famílias onde parecer prudente fazê-lo. 4. Finalmente, a caridade para com os jovens em perigo, recolhê-los e instruí-los na fé, encaminhá-los às sagradas funções, aconselhá-los nos perigos, levá-los para onde podem ser instruídos na religião, são todas iniciativas apropriadas para os Cooperadores Salesianos.¹²²

O projeto de fundação dos *Salesianos Cooperadores*, portanto, apresenta-se historicamente como caracterizado por inevitável “improvisação”.

Também a ideia deste particular liame com os leigos é certamente fruto da formação recebida no Colégio. Nas Constituições da Congregação dos Oblatos

¹²² MB XI, 542.

de Maria Virgem, de Pio Bruno Lanteri, é possível encontrar algo análogo. À escola de Diessbach, Lanteri quer envolver também os leigos na ação de “reconquista cultural” da sociedade, utilizando como instrumento privilegiado de apostolado a difusão do livro em todos os ambientes, por meio da leitura, do estudo e do exame de cada obra nas diversas classes sociais. Por isso, quando em 1816 fundou a Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, dissolvida quatro anos depois e posteriormente reconstituída em 1826 com a aprovação do Papa, ele previu nas Constituições a adesão dos assim chamados “sócios externos”.¹²³

Este conceito e esta terminologia serão retomados por Dom Bosco que usará amplamente o texto constitucional dos Oblatos na redação das Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales.

5.4. A pregação dos Exercícios Espirituais como escopo apostólico da Congregação¹²⁴

As *Memórias Biográficas* testemunham que a tradição dos exercícios anuais se tornou, desde os inícios, um dos pontos fundamentais da obra salesiana de educação dos jovens à fé.¹²⁵

O primeiro esboço das Constituições da *Sociedade de S. Francisco de Sales*, conhecida como *Autógrafo Rua*,¹²⁶ enuncia os *escopos* da nascente *Sociedade*. Os dois primeiros são a *santificação dos membros* e a *imitação de Cristo*; logo em seguida são elencados três objetivos “apostólicos”:¹²⁷

- recolher jovens pobres e abandonados para instruí-los na religião, particularmente nos dias festivos;
- recolher alguns em casas de acolhida e instruí-los numa arte ou num ofício;

¹²³ Cf. *Costituzioni e regole della Congregazione degli Oblati di Maria V.*, Turim 1851.

¹²⁴ Sobre este tema veja-se o nosso estudo: G. BUCCELLATO, *Gli esercizi spirituali nell'esperienza di Don Bosco e alle origini della società di San Francesco di Sales*, cit., 101-134.

¹²⁵ As citações poderiam ser numerosíssimas. A título de exemplo, vejamos: MB III, 537ss. 603 ss; IV, 122 ss; 4, 178 ss. 474 ss; V, 62. 215 ss. 925 ss; VI, 513. 892 ss; VII, 419. 647 ss; VIII, 473; X, 31. 49; XII, 138. 163 ss; XIII, 419 ss. 752.

¹²⁶ Trata-se do mais antigo manuscrito das Constituições, ditado por Dom Bosco ao padre Rua; por este motivo, convencionalmente traz o nome de *Autógrafo Rua*. Remonta provavelmente a 1858 (Cf. G. BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858] – 1875*, Textos críticos editados de Francesco Motto, Roma 1992, 17). As citações sucessivas das Constituições são tiradas desta edição crítica.

¹²⁷ Cf. G. BOSCO, *Costituzioni*, cit., 72-79.

- realizar Exercícios Espirituais e difundir bons livros. A este propósito, lê-se no primeiro texto constitucional:

A necessidade de apoiar a religião católica atualmente é sentida também entre os adultos do povo simples e especialmente nas povoações do interior, por isso os congregados se dedicarão a pregar Exercícios Espirituais, a difundir bons livros, a usar todos os meios sugeridos pela caridade industriosa para que, por meio da palavra ou de escritos, se oponha um obstáculo à impiedade e à heresia.

Esta referência ficará substancialmente intocada durante toda a vida de Dom Bosco, como é fácil verificar pelo prospecto sinótico da edição crítica aos cuidados do padre Francesco Motto em relação a estes artigos sobre o *Escopo da Sociedade de S. Francisco de Sales*.¹²⁸

Nas últimas três edições redigidas por Dom Bosco é possível encontrar uma referência obrigatória, para os irmãos clérigos, de compor um curso de Exercícios Espirituais como complemento dos estudos em função da ordenação presbiteral. “Cada sócio – lê-se na versão de 1875 –, para completar seus estudos, além das conferências morais cotidianas, componha também um curso de pregações e meditações, em primeiro lugar para uso da juventude, depois, adaptado à inteligência de todos os fiéis cristãos”.¹²⁹ Não é difícil verificar que a praxe da jovem Congregação era coerente com estas indicações¹³⁰.

Esta última referência ao texto constitucional primitivo leva-nos à *Amizade Sacerdotal* de Diessbach. Os estatutos da *Amizade*, descrevendo os meios apostólicos dos quais os *amigos sacerdotes* se servirão para “submeter toda a terra a Jesus Cristo”, afirmavam:

Para difundi-la eficazmente (a santa palavra de Deus), cada um comporá com muito cuidado, para o próprio uso, um curso completo de missões e um de Exercícios Espirituais.¹³¹

¹²⁸ *Ibid.*, 72-81.

¹²⁹ *Ibid.*, 181.

¹³⁰ No Arquivo Central da Congregação conservam-se muitas dessas coleções de meditações compiladas pelos primeiros salesianos.

¹³¹ Cf. C. BONA, *Le “Amicizie”. Società segrete e rinascita religiosa (1770-1830)*, Turim 1962, 503-511.

As Constituições dos Oblatos também continham, então, uma referência análoga no primeiro artigo do *capítulo segundo*, intitulado *Acerca da própria santificação*:

(Os sócios) também se dedicam a compor um conjunto de meditações e instruções para realizar os Exercícios Espirituais segundo o método de S. Inácio.¹³²

5.5. Dom Bosco pede para ser admitido entre os Oblatos de Pio Bruno Lanteri

Outra circunstância nos testemunha a importância dada por Dom Bosco à pregação dos Exercícios Espirituais. As *Memórias Biográficas* narram que no fim dos três anos de permanência no Colégio, Dom Bosco manteve contatos com os Oblatos de Maria Virgem e, por certo período, nutriu o desejo de “entrar para a vida religiosa” naquela Congregação¹³³ e, portanto, de dedicar toda a sua vida à pregação dos exercícios de S. Inácio.

A circunstância é confirmada pela biografia de Cafasso, publicada em 1912 por Nicolis Di Robilant,¹³⁴ e por uma página autógrafa da *Cronichetta anteriore* do padre Júlio Barberis, primeiro mestre dos noviços da Congregação Salesiana, que escreve:

Eis, portanto, algumas particularidades da vida de Dom Bosco que ele mesmo confidenciou a alguém [...]. Terminado o terceiro ano de moral, eu estava decidido a entrar para os Oblatos de Maria Virgem; já tinha acertado tudo, somente me faltava ir a S. Inácio para fazer os Exercícios Espirituais. Quando os terminei, falei com o padre Cafasso para que me desse uma resposta decisiva,

¹³² *Costituzioni e regole della Congregazione degli Oblati di Maria V.*, Turim 1851,17. Há muitos outros elementos de contato entre a espiritualidade da Companhia de Jesus e a tradição salesiana das origens: a primeira fórmula de profissão e a ideia do *rendiconto* derivam das Constituições da Companhia; o próprio lema dos jesuítas AMDG (*Ad Maiorem Dei Gloriam*) é continuamente repetido nos documentos das origens; as principais devoções e as práticas de piedade (mês de maio, exercício da boa morte, devoção ao Sagrado Coração...) são de inspiração inaciana; os ensinamentos e os textos para a meditação das primeiras gerações de salesianos (Rodríguez e Da Ponte) são uma evidente referência ao método inaciano; a escolha de S. Luís Gonzaga como patrono da *Sociedade*; as ótimas relações mantidas constantemente por Dom Bosco com os jesuítas, seus contemporâneos. Sobre este tema, que exigiria ulterior aprofundamento no plano científico, veja-se G. BUCCELLATO, *Appunti per una storia spirituale del sacerdote Gio' Bosco*, Turim 2008, 144-148.

¹³³ Cf. MB II, 203-207.

¹³⁴ Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 215-216.

e ele me disse que não. Esta resposta foi para mim um golpe terrível, mas eu nem quis perguntar-lhe o motivo; voltei para o Colégio e continuei a estudar, pregar e confessar.¹³⁵

Cafasso, com quem Dom Bosco continuava a se orientar, segundo o relato do padre Lemoyne e a narração de Di Robilant, teria sido francamente decidido em guiar o discernimento do seu discípulo. Em junho de 1844, por conselho do mesmo padre Cafasso, depois de ter ido a S. Inácio para “pensar melhor diante do Senhor”, tomada a decisão de ir para o noviciado dos Oblatos, preparou suas malas e se apresentou ao seu mestre para saudá-lo. “Mas o bom padre, com seu doce sorriso nos lábios, lhe disse: Oh! Que pressa! E quem pensará nos seus jovens? Não estava praticando o bem trabalhando por eles? [...] Meu caro Dom Bosco, deixe de lado a ideia de vocação religiosa, vá desfazer as malas e continue a sua obra em favor da juventude. Esta é a vontade de Deus, e não outra coisa”.¹³⁶

Numa carta à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, com vistas à aprovação das Constituições, Pio Bruno Lanteri, fundador dos Oblatos, relatando o primeiro período da fundação, escreve:

Os Oblatos de Maria, a este respeito, informam que, pelas suas Constituições e Regras [...], consta que o seu fim primeiro é o de pregar os exercícios de S. Inácio, de graça, como sempre fizeram, obra a que se dedicaram incansavelmente. Nos primeiros anos, isto é, de novembro de 1817 até todo o mês de maio de 1820, pregaram exercícios a 61 grupos, e, nos 4 anos posteriores, embora reduzidos a pequeníssimo número, pregaram a outros 115 grupos.¹³⁷

Este era, portanto, o apostolado que Dom Bosco, perto de completar 29 anos de idade, tinha imaginado exercer por toda a vida.

5.6. O “recolhimento” na experiência espiritual de Dom Bosco

A expressão *recolhimento* aparece seis vezes nas *Memórias do Oratório*. Dom Bosco, falando de dois membros da *Sociedade da Alegria*, Guilherme Gari-gliano e Paulo Braje, escreve:

¹³⁵ ACS A 003.01.01, 15.17.

¹³⁶ L. N. DI ROBILANT L., *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 216.

¹³⁷ T. GALLAGHER, *Gli Esercizi di S. Ignazio nella spiritualità e carisma di fondatore di Pio Brunone Lanteri*, Roma 1983, 33.

Ambos apreciavam o recolhimento e a piedade, e constantemente me davam bons conselhos. Nos dias santos, após a reunião regulamentar do colégio, íamos à igreja de S. Antônio, onde os jesuítas explicavam estupidamente a doutrina.¹³⁸

Com o recolhimento e a comunhão frequente – é o precioso conselho do teólogo Borel – se aperfeiçoa e se conserva a vocação e se forma um verdadeiro eclesiástico.¹³⁹

A expressão consta também dos propósitos feitos por ocasião da vestidura clerical: “Procurarei amar e praticar o recolhimento”.¹⁴⁰

Não é difícil determinar o exato valor semântico da palavra *recolhimento* no pensamento de Dom Bosco. Cerca de um ano antes do início da redação das *Memórias do Oratório*, ele mesmo escrevia a uma senhora:

A senhora se preocupa com a escolha do estado e faz bem... A oração, a comunhão frequente, o recolhimento são as bases.¹⁴¹

O termo nos traz à mente as numerosas renúncias feitas por Dom Bosco em termos de jogos e divertimentos “profanos”, mas parece que ele queria se referir particularmente à vida interior, a uma solidão fecunda que deve ser cultivada no segredo do próprio quarto e que favorece o recolhimento e a oração.

Quanto a isto, pregando aos sacerdotes, Cafasso dizia:

O divino Redentor, Senhor e Mestre de todos os sacerdotes, sempre que podia gozar de algum momento de respiro das suas contínuas fadigas, como lemos no Evangelho, se retirava em lugar à parte e rezava. Retiro e oração, eis duas asas que devem elevar o sacerdote tão alto a ponto de torná-lo como um Deus na terra. Retiro e oração são duas qualidades inseparáveis: uma deriva da outra; falo de um retiro pio e virtuoso, e não meramente natural e caprichoso. O homem retirado é naturalmente amante da oração, o homem que reza se afasta necessariamente do barulho do mundo e busca a tranquilidade e a solidão. Re-

¹³⁸ MO 57.

¹³⁹ MO 107.

¹⁴⁰ MO 91.

¹⁴¹ Trata-se de uma carta de 24 de março de 1872; o original desta carta, ainda não inserida na edição crítica do *Epistolário*, em vias de preparação, encontra-se na casa salesiana de Chiari (Brescia).

tiro e oração são duas virtudes suficientes a si mesmas, porque trazem consigo e supõem o que se exige para formar um digno e santo sacerdote. Quem vive retirado e reza, é impossível que não tenha o coração desapegado deste mundo e repleto do espírito do Senhor.¹⁴²

O primeiro e principal “lugar” que Cafasso indica para este “retiro” cotidiano é o *quarto*. “Só no quarto encontraremos aquela calma – afirma – tão necessária para formar um bom sacerdote”.¹⁴³ É esta “cela” que o sacerdote deve aprender a amar: “Amor à cela, onde o ar é puro para a alma, o céu mais aberto, o Senhor mais próximo e familiar.”¹⁴⁴

Saído do Colégio Eclesiástico, Dom Bosco continuou a confessar-se semanalmente com o padre Cafasso até a sua morte, ocorrida em 1860. Por longos períodos, foi todos os dias até o Colégio para estudar e retirar-se num quarto reservado para ele, em particular para a preparação das *Leituras Católicas*, para cuja redação se servia com frequência da biblioteca.¹⁴⁵ De fato, nos ensinamentos de Cafasso, também o estudo é considerado “um dos deveres específicos da vocação eclesial”.¹⁴⁶

Ainda mais significativo é o hábito de Dom Bosco de se retirar todos os anos no santuário de S. Inácio para os Exercícios Espirituais; mesmo depois que a nascente Congregação, em 1864, “institucionalizou” a prática dos Exercícios para os salesianos, que se realizaram nos primeiros anos na casa de Trofarello, especificamente dedicada a esta finalidade.

A partir de 1842, Dom Bosco frequentou assiduamente o santuário. De fato, foi para ali quase sem interrupção¹⁴⁷ todos os anos e por mais de trinta anos, até 1874. Falecido Cafasso (1860), sucedeu-lhe como reitor do Colégio e do santuário o cónego Eugênio Galletti; depois, em 1864, o teólogo Félix Golzio, confessor de Dom Bosco de 1860 a 1873, ano da sua morte. Após a morte deste, Dom

¹⁴² G. CAFASSO, *Istruzioni per Esercizi Spirituali al clero pubblicate per cura del Can. Giuseppe Allamano*, Turim 1893, 88-89.

¹⁴³ G. CAFASSO, *Manoscritti*, vol. V, 2085 B [85]. Para esta citação e para a sucessiva, servimo-nos do trabalho de Flavio Accornero, reproduzindo a citação tal como é registrada pelo autor, e, entre colchetes, a página do texto onde encontramos a citação. As anotações A e B se referem ao fato de as páginas do manuscrito muitas vezes apresentarem dois textos diferentes, separados por uma linha horizontal.

¹⁴⁴ G. CAFASSO, *Manoscritti*, vol. V, 1951 A [85].

¹⁴⁵ Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del Venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 222-223.

¹⁴⁶ F. ACCORNERO, *La dottrina spirituale di S. Giuseppe Cafasso*, cit., 90.

¹⁴⁷ Única exceção foram os anos de 1848 e 1849, porque, devido aos movimentos políticos pela unidade da Itália, os exercícios em S. Inácio foram cancelados.

Bosco ainda esteve no santuário para os exercícios em 1874; a fria acolhida do novo reitor do santuário recebida naquele ano, segundo um dos biógrafos, padre Ângelo Amadei, o convenceram a não mais voltar nos anos seguintes.¹⁴⁸

5.7. O empenho no apostolado da boa imprensa

Também o empenho no apostolado da boa imprensa que, como vimos, é um dos objetivos apostólicos da nascente Congregação, inspira-se no ambiente do Colégio.

Já Diessbach, mestre de Pio Bruno Lanteri, se propusera responder à propaganda dos adversários por meio da “boa imprensa” e da união “secreta” de homens de boa vontade, fundando as *Amizades Cristãs*. Lanteri, em seguida, contribui bastante à difusão da *boa imprensa*, em particular das obras de S. Afonso, mantendo-se em contato com os livreiros e tipógrafos de muitos países europeus. Ao espírito jansenista e regalista, Lanteri opunha a doutrina de Afonso de Ligório, difundindo, por iniciativa pessoal ou graças às *Amizades* e ao apostolado de leigos e sacerdotes, a obra do santo Doutor,¹⁴⁹ que definiu “como uma biblioteca de todos os moralistas”.

O padre Pietro Stella escreveu:

Dom Bosco nunca se cansou de ser escritor, editor e propagandista, porque estava pessoalmente convencido de que pregar a boa nova por meio da imprensa era um serviço que, sem falta, ele devia prestar à Religião, uma explicitação necessária da sua vocação de educador da juventude e do povo. Esta foi uma convicção que ele teve em comum com muitos dos seus contemporâneos.¹⁵⁰

Além do seu empenho pessoal, deve-se sublinhar o dos seus primeiros colaboradores. São muitíssimas as publicações dos primeiros Salesianos que se podem encontrar entre as *Leituras Católicas* e também em outras edições. O empenho na difusão da boa imprensa era entendido por todos, conforme consta do

¹⁴⁸ Cf. DICASTÉRIO PARA A FORMAÇÃO, *Sussidi* 2, cit., 172; MB X, 1277 ss.

¹⁴⁹ É difícil fazer um cálculo aproximativo das cópias das obras do santo Doutor que Pio Bruno propagou no Piemonte e fora. Tomás Piatti escreve que “só das *Máximas eternas* ele difundiu, numa só edição, sem contar outras menores, 36.000 cópias” (T. PIATTI, *Il servo di Dio Pio Brunone Lanteri*, Turim 1934, 109).

¹⁵⁰ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 247.

texto constitucional, como um elemento imprescindível da missão e do “carisma” da nascente Congregação.

5.8. Homem de oração

O padre formado pelo Colégio é *homem de oração*. A oração, para Cafasso, deve considerar-se o dever fundamental para um eclesiástico:

Entre os deveres e os ofícios do sacerdote, pode-se dizer francamente que o primeiro é o de rezar: *omnis pontifex pro hominibus constituitur in iis quae sunt ad Deum*. O meio principal, aliás, único, pelo qual ele deve manter aberto este caminho, esta relação, esta comunicação com Deus, o modo com que deve cumprir esta grande missão e embaixada, é a oração: eliminai a oração e também tereis eliminado todo comércio entre o céu e a terra, entre Deus e o homem.¹⁵¹

Ele deve ser mestre “desta grande arte de rezar”: “E como conseguireis, se o padre não aprender devidamente e não a exercer consigo mesmo?”¹⁵²

Os escritos e ensinamentos de Dom Bosco sobre a oração testemunhamos os resultados da formação recebida.¹⁵³

Numa memória escrita por ele em 16 de abril de 1843, pelo fim do seu segundo ano de permanência no Colégio, a respeito de um seu colega de estudos no seminário de Chieri, o jovem José Burzio,¹⁵⁴ que depois se tornou Oblato de Maria Virgem e faleceu precocemente em 1842, lemos:

¹⁵¹ G. CAFASSO, *Manoscritti*, [Copia Corgiatti] VII, 2679.

¹⁵² *Ibid.*, VII, 2681.

¹⁵³ Para um aprofundamento do tema da oração e, em particular, da oração mental em Dom Bosco, veja-se a tese doutoral de G. BUCCELLATO, *Alla presenza di Dio. Ruolo dell'orazione mentale nel carisma di fondazione di San Giovanni Bosco fondatore della Società di San Francesco di Sales*, Roma 2004, publicada pela editora da Pontificia Universidade Gregoriana.

¹⁵⁴ José Burzio (1822-1842) chegou ao seminário de Chieri no início do último ano de teologia do clérigo João Bosco, em novembro de 1840. Dom Bosco, ordenado subdiácono em setembro daquele ano, fora nomeado “prefeito do dormitório” e logo fez uma boa amizade espiritual com Burzio. Em setembro de 1841, José Burzio ingressou na Congregação de Lanteri; adoecendo gravemente, morreu com fama de santidade em 1842. Um seu coirmão, padre Félix Giordano, quis recolher alguns testemunhos dos que o tinham conhecido durante sua breve existência para compor uma biografia, que foi publicada em 1846. O padre Giordano pediu também a Dom Bosco que lhe enviasse algum testemunho a respeito do colega, com esta finalidade; o testemunho de Dom Bosco está distribuído *passim* na pequena biografia. É possível encontrá-la em G. BOSCO, *Epistolario*, editado por F. MOTTO, I, Roma 1991, 48-53.

Grande foi seu empenho na piedade, na qual se tornou verdadeiramente singular; eu só posso relatar o que aconteceu diante dos olhos de todos; mas quem conheceu a sinceridade desse clérigo e sua constância no bem, facilmente pode imaginar o mais e o melhor dos atos ocultos das suas virtudes interiores. Assim, jamais aconteceu que nas práticas de piedade ele se comportasse de forma indiferente ou por mera rotina; pelo contrário, era admirável a alegria e satisfação que lhe transparecia no rosto; aliás, apenas começava alguma função sagrada ou exercício de piedade, por exemplo, a oração ou a meditação, ou o simples fato de entrar na capela, imediatamente recolhia todos os seus sentidos em santa atitude, de tal modo que todos viam, pelo seu devoto comportamento, quanto participava da oração com o seu coração e quão grande era o espírito de fé que o animava. Estivessem ou não presentes os superiores, o piedoso comportamento de Burzio era invariavelmente o mesmo, pois bem se pode dizer que *ambulabat coram Deo* [...]. Além das práticas religiosas, comuns a todos e realizadas por ele com grande fervor, pude constatar, pelas suas palavras e pelo seu comportamento, que era devotíssimo de Jesus sacramentado e de Nossa Senhora, aos quais, se lhe sobrava algum tempo, logo o empregava para consagrá-lo a eles em afetos de amor e gratidão. Eu vi muitas vezes no tempo do recreio, particularmente nos dias de férias, afastar-se com muito jeito da companhia dos colegas e ir à igreja entreter-se em doces colóquios com Jesus sacramentado e com sua piedosíssima mãe.¹⁵⁵

Dom Bosco tem quase vinte e oito anos e está no fim de sua experiência no Colégio; a consideração e a estima que mostra para com aquele “entreter-se em doces colóquios” também “no tempo de recreio” nos revela o seu modo de sentir, o seu ideal de vida cristã e sacerdotal.

O tempo da oração, do colóquio pessoal e silencioso com Deus, jamais será julgado por ele “excessivo” ou inoportuno; é o que Dom Bosco atesta também ao relatar a vida dos jovens dos quais escreveu a biografia, que ele continuará a apresentar por toda a vida como autênticos modelos de virtudes cristãs e de santidade.

¹⁵⁵ F. GIORDANO, *Cenni istruttivi di perfezione proposti a' giovani desiderosi della medesima nella vita edificante di Giuseppe Burzio*, Turim 1846, 139-140. A longa carta de Dom Bosco ao padre Giordano é transcrita por inteiro em G. BOSCO, *Epistolario*, editado por F. Motto, I, 48-53; traz a data de 16 de abril de 1843.

5.9. O influxo de S. Afonso Maria de Ligório¹⁵⁶

O primeiro encontro de Dom Bosco com os escritos e a espiritualidade de Afonso é intermediado, provavelmente, pela figura do seu primeiro diretor espiritual, padre João Calosso, capelão de Morialdo, povoado a poucos quilômetros de distância de Castelnuovo. Segundo as *Memórias Biográficas*, foi o próprio padre Calosso a dar a Dom Bosco as obras ascéticas de S. Afonso (cf. MB I, 238); mas o encontro mais profundo com a doutrina e a figura espiritual de Afonso ocorreu certamente nos anos do Colégio.

Parece-nos poder dizer que a figura e a obra de S. Afonso, conhecida diretamente ou por meio dos ensinamentos de Cafasso, desempenham um papel mais importante, se comparado com o de outros autores espirituais, nos escritos de Dom Bosco, na sua pedagogia espiritual, na própria concepção da vida religiosa. Além disso, muitas são as obras de Afonso citadas explícita ou implicitamente, ou publicadas por Dom Bosco nas *Leituras Católicas*.

O patrono dos confessores e dos moralistas

O espírito da obra afonsiana não tinha muitos seguidores entre os moralistas piemonteses; os mais convictos defensores dessa perspectiva eram somente os jesuítas. Ao rigorismo do *seminário maior* de Turim se contrapunha a orientação do Colégio, que tendia a formar um pastor de almas “benigno na doutrina e amável no trato”.¹⁵⁷

A opção pela benignidade é orientada principalmente para a praxe do sacramento da penitência e da *formação dos confessores*. O *patrono dos confessores e moralistas* realizou neste campo uma *revolução copernicana*, enquanto soube colocar “a pastoral em relação com a fragilidade humana”, fazer “depender o perdão mais da misericórdia do que da lei” e restituir “à confissão e ao confessor a tarefa de um ato de amor”. Das páginas ricas de concretude das suas obras

¹⁵⁶ A respeito das relações entre Dom Bosco e S. Afonso, vejam-se, em particular, A. PEDRINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso M. De' Liguori. La dottrina salesiana e alfonsiana nella luce delle celebrazioni centenarie*, in *Palestra del clero* 67 (1988) 921-936; E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso. Con aggiunta Vita cronologica di S. Alfonso M. dei Liguori Dottore della Chiesa a cura di Alfonso Maria Santonicola*, Pagani (SA) 1972.

¹⁵⁷ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, I, Roma 2003, 163. Gioberti no *Gesuita moderno* acusará o Colégio de *laxismo*, além de *jesuitismo* (Cf. V. GIOBERTI, *Il gesuita moderno*, IV, Napoles 1848, 279-281).

emerge um tipo de ministério em que a fidelidade à misericórdia de Deus faz do confessor, antes de tudo, um pai e um médico, depois doutor e juiz.¹⁵⁸

É quase supérfluo sublinhar o quanto a experiência pastoral de Dom Bosco tenha sido influenciada por este ensinamento. Nesta perspectiva, é mais compreensível também a firme oposição ao seu arcebispo, diante da possibilidade de os seus clérigos serem obrigados a estudar no seminário maior de Turim.¹⁵⁹

Uma santidade ao alcance da mão

Na época em que viveu Afonso Maria de Ligório, a santidade parecia quase um privilégio ligado a outros privilégios: classe social, profissão, dinheiro, estudo. O santo napolitano, também sob este aspecto, foi um inovador e precursor dos tempos porque se empenhou na *socialização* da santidade, isto é, para torná-la universal e igualitária.

Deus quer que todos sejam santos – repetia Afonso –, cada qual no próprio estado de vida: o religioso como religioso, o leigo como leigo, o sacerdote como sacerdote, o casado como casado, o comerciante como comerciante, o militar como militar e assim por diante.¹⁶⁰

Podemos sintetizar a sua concepção com uma sua eficaz expressão: trata-se de uma santidade “ao alcance da mão”,¹⁶¹ isto é, uma santidade acessível a todas as categorias de pessoas, de qualquer idade, cultura ou classe social.

Sobre estes fundamentos é que se funda a pedagogia de Dom Bosco à santidade. Na introdução ao *Jovem Instruído*, Dom Bosco escreve:

¹⁵⁸ Cf. M. VIDAL, *Nuova morale fondamentale*, Bolonha 2004, 416; S. MAJORANO, *Il confessore, pastore ideale nelle opere di Sant'Alfonso*, in SM 38 (2000) 329.

¹⁵⁹ Entre as várias razões aduzidas por Dom Bosco para rejeitar a obrigação da permanência dos clérigos salesianos como internos no seminário, há explicitamente a de que os professores do seminário *não eram confiáveis*, em particular, no campo da teologia moral, da hermenêutica sagrada e da história sagrada e da história eclesiástica (Cf. G. TUNINETTI, *Gli arcivescovi di Torino e Don Bosco fondatore* in DICASTÉRIO PARA A FORMAÇÃO, *Don Bosco fondatore della famiglia salesiana*, Roma 1989, 263).

¹⁶⁰ ALFONSO M. DE' LIGUORI, *Pratica di amare Gesù Cristo*, em *Opere ascetiche*, Roma 1996, 90.

¹⁶¹ ALFONSO M. DE' LIGUORI, *Lettere*, I, Introdução, aos cuidados de S. Brugnano, Roma 1887, 95.

Apresento-lhes um método breve e fácil para viver, mas suficiente para que possam tornar-se a consolação dos seus pais, a honra da pátria, bons cidadãos na terra para serem depois afortunados habitantes do céu.¹⁶²

A preocupação principal de Dom Bosco é a salvação de todos os jovens; mas a sua proposta espiritual vai mais além. De fato, seu olhar e seu “elã educativo” miram muito mais alto, isto é, a indicar com clareza que não só a salvação, mas a própria santidade é possível para todos.

As biografias de Comollo, Savio, Besucco e Miguel Magone são exemplos de santidade realizada, que Dom Bosco propõe a todos como possíveis modelos a imitar; precisamente a categoria da *imitação* é a *chave* para reler estas e outras biografias como proposta e projeto para uma vida de santidade.

A devoção ao SS. Sacramento e a comunhão frequente

A prática da assim dita *breve visita* ao SS. Sacramento, que Dom Bosco tanto recomendava aos seus jovens, foi tirada do conhecido opúsculo de S. Afonso *Visitas ao SS. Sacramento e a Maria SS. para cada dia do mês*.¹⁶³ Este livreto teve tal sucesso que José Cacciatore chegou a escrever:

Podemos afirmar sem medo de errar que o despertar eucarístico na segunda metade do século XVIII e durante todo o século XIX é devido a este pequeno livro, verdadeiro código da piedade afonsiana e da mais sincera religiosidade católica.¹⁶⁴

A este propósito, Carlos Keusch afirma:

Não foi Afonso quem introduziu na Igreja o piedoso costume da visita ao SS. Sacramento do altar. Todas as almas pias, todos os santos de Deus, foi nela que alimentaram a sua fé, aumentaram suas forças. Todavia, cabe ao nosso Santo o mérito de ter dado uma forma precisa a esta santa prática com as suas visitas

¹⁶² G. BOSCO, *Il Giovane Provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'uffizio della Beata Vergine e de' principali Vesperi dell'anno coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre ecc.*, Turim 1847, 7.

¹⁶³ Trata-se de uma reimpressão de 1748 da publicação original de 1745, que tinha como título *Pensamentos e afetos devotos nas visitas ao SS. Sacramento e à sempre Imaculada SS. Virgem*.

¹⁶⁴ G. CACCIATORE, *S. Alfonso de' Liguori e il giansenismo. Le ultime fortune del moto giansenistico e la restituzione del pensiero cattolico nel secolo XVIII*, Florença 1942, 295.

bastante afetuosas e clássicas. Dotadas agora de uma forma fixa, definiu para elas ao longo do dia e no plano de todas as obras destinadas à perfeição um lugar e um tempo determinado.¹⁶⁵

Dom Bosco no seu *Pequeno Tratado* sobre o Sistema Preventivo escreveu: “A confissão e a comunhão frequentes, a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo do qual se queiram manter distantes a ameaça e a vara”. Também nas biografias dos jovens Savio, Besucco e Magone, Dom Bosco abriu espaço para tratar da doutrina ligoriana da frequência sacramental, servindo-se particularmente do texto de S. Afonso *A Religiosa Santa*; entre os demais textos relativos a este tema lembramos: *O Mês de Maio*, *O Jovem Instruído* e dois pequenos opúsculos publicados nas *Leituras Católicas*, respectivamente em 1866 e 1870, intitulados, o primeiro, *Práticas devotas para a adoração ao SS. Sacramento*, o segundo, *Nove dias consagrados a Maria Auxiliadora*.

A doutrina dos Novíssimos

Entre os temas mais visitados pela pedagogia de Dom Bosco em vista da santidade ocupam lugar importante os *novíssimos*: morte, juízo, inferno, paraíso. “Um dos enganos da pedagogia moderna – dizia o santo educador – é a de não querer que na educação se fale das máximas eternas e, sobretudo do inferno”.¹⁶⁶

Em algumas obras de Dom Bosco, dedicadas a este assunto, pode-se reconhecer o influxo dos ensinamentos de Afonso, facilmente constatáveis por meio do confronto entre as obras dos dois autores. Em particular, dois escritos de Dom Bosco nos quais podemos evidenciar a dependência direta do pensamento de Afonso são *O Jovem Instruído* e *O Mês de Maio*, ligados respectivamente às *Máximas Eternas* e à *Preparação para a Boa Morte*.

No pequeno capítulo introdutório de *O Jovem Instruído*, intitulado *Coisas necessárias para um jovem a fim de se tornar virtuoso*, o autor também convida explicitamente os jovens, destinatários da obra, a dedicar-se “a ler algum livro que trate de coisas espirituais, como *Preparação para a Morte*, de Santo Afonso”.¹⁶⁷ O salesiano padre Eugênio Valentini, no seu *Dom Bosco e Santo Afonso*,

¹⁶⁵ K. KEUSCH, *La dottrina spirituale di S. Alfonso*, Milão 1931, 413.

¹⁶⁶ MB II, 214.

¹⁶⁷ G. BOSCO, *Cose necessarie ad un giovane per diventare virtuoso*, introdução a *Il Giovane Provveduto*, cit., 18.

de 1972, demonstrou amplamente a dependência do *Mês de Maio* da obra afonsiana.¹⁶⁸

A devoção à Virgem Maria

Também quanto à devoção a Maria, como afirma o padre Valentini, Dom Bosco, “nas formas e no fervor era decididamente afonsiano”.¹⁶⁹ No fascículo *Nove dias consagrados a Maria Auxiliadora*, por exemplo, Dom Bosco, por sete vezes, cita as *Glórias de Maria*,¹⁷⁰ a primeira grande obra de S. Afonso, de 1750.

Também no *Exercício de devoção à misericórdia de Deus* encontramos súplicas a Maria de clara inspiração *ligoriana*, como esta: “Ó amorosa Mãe das misericórdias, doçura e conforto dos pecadores, fazei que eu seja atendido, pois jamais por vós foi pedida uma graça a Deus que ela não vos tenha sido concedida”.¹⁷¹ O texto é a *Preparação para uma Boa Morte*, onde lemos na Consideração XVI, *Da Misericórdia de Deus*: “Ó Maria, minha esperança, vós sois a mãe da misericórdia, pedi a Deus por mim e tende piedade de mim”.¹⁷²

O amor à música e ao canto

Afonso compôs e musicou muitas loas sacras, algumas difundidas na Itália e no âmbito eclesial, outras se tornaram famosas em todo o mundo: “A sua aptidão poética – escreve padre Pichler – devia merecer a Afonso artista os louros mais belos para cingi-lo à frente. As suas canções foram traduzidas em latim e em alemão, em parte também em francês, em inglês e holandês. Na literatura mundial lhe está assegurado um lugar de honra”.¹⁷³

Também Dom Bosco amou a música e o canto. Publicou alguns fascículos como *Seleção de loas sacras* e *Harpa católica ou Coleção de loas sacras em honra de Maria Santíssima*,¹⁷⁴ em que inseriu algumas canções extraídas de autores

¹⁶⁸ Cf. E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant’Afonso*, cit., 58-59.

¹⁶⁹ *Ibid.*, 61.

¹⁷⁰ *Ibid.*

¹⁷¹ G. BOSCO, *Esercizio di divozione alla misericordia di Dio*, Turim 1846, 38.

¹⁷² ALFONSO M. DE’ LIGUORI, *Apparecchio alla morte*, in *Opere ascetiche*, II, Turim 1846, 154.

¹⁷³ K. KEUSCH, *La dottrina spirituale di S. Alfonso*, cit., 125-126.

¹⁷⁴ G. BOSCO, *Scelta di laudi sacre ad uso delle missioni e di altre opportunità della Chiesa*, Turim 1879³; *id.*, *Arpa cattolica o Raccolta di laudi sacre in onore di Maria Santissima*, S. Pier d’Arena 1882.

conhecidos; entre estas, uma dezena que Afonso tinha publicado nas suas *Glórias de Maria*.¹⁷⁵ Finalmente, entre os hinos inseridos no *Jovem Instruído*, pode-se mencionar o celeberrimo *Tu scendi dalle stelle*, que Afonso tinha publicado nas suas *Obras Espirituais*.¹⁷⁶

A concepção de vida religiosa

Já desde 1854 João Bosco tinha reunido os seus mais estreitos colaboradores para manifestar-lhes o projeto de dar estabilidade duradoura à obra começada, havia um decênio, de cuidar dos meninos mais pobres e abandonados. No dia 18 de dezembro de 1859 era constituída oficialmente a *Sociedade de S. Francisco de Sales*.

Em 1866 “começou para a nascente Congregação a experiência dos Exercícios Espirituais por conta própria em Trofarello”; Dom Bosco naquele ano e nos anos sucessivos pregou as *instruções*, tendo como ponto de referência os escritos ascéticos de S. Afonso.¹⁷⁷

Um texto significativo para confirmar a clara influência de Afonso sobre Dom Bosco fundador são as *Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales*, aprovadas definitivamente em 3 de abril de 1874, nas quais – segundo o parecer do padre Pietro Braido – “do ponto de vista das dependências literárias S. Afonso prevalecia de forma absoluta”.¹⁷⁸ A introdução *Aos Sócios Salesianos*¹⁷⁹ da edição impressa em 1877, que se apresenta notavelmente ampliada, se comparada à de 1875, e que contém diversas integrações atribuíveis ao padre Júlio Barberis,¹⁸⁰ é de evidente derivação afonsiana. Escreveu o padre Braido:

As fontes das quais Dom Bosco hauriu de forma mais abundante e explícita ao compor as páginas *Aos Sócios Salesianos*, sem dúvida alguma, são o *Exercício de*

¹⁷⁵ Cf. E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso*, cit., 64.

¹⁷⁶ ALFONSO M. DE' LIGUORI, *Canzoncine spirituali*, 239-240; podem ser encontradas no site da Biblioteca Afonsiana IntraText no endereço http://www.intratext.com/ixt/ITASA0000/P_9J.HTM (visitado em 27.12.2010).

¹⁷⁷ Cf. E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso*, cit., 38.

¹⁷⁸ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, II, Roma 2003, 269.

¹⁷⁹ Esta introdução é fundamental porque torna explícito o quadro teológico de fundo e a particular concepção de vida religiosa que constitui a chave hermenêutica do texto constitucional.

¹⁸⁰ Os acréscimos do padre Júlio Barberis, primeiro mestre dos noviços da Congregação Salesiana, foram revistos e corrigidos pelo próprio Dom Bosco, como é possível verificar pelo manuscrito conservado no arquivo da Casa Geral (Cf. ACS D 473.02.10).

*perfeição e de virtudes cristãs (virtudes religiosas, no terceiro volume, que é o que mais interessa) do jesuíta Afonso Rodríguez (1541-1616) e A verdadeira esposa de Jesus Cristo e os Opúsculos sobre o estado religioso do fundador dos Redentoristas, S. Afonso M. de Ligório (1696-1787).*¹⁸¹

Uma última consideração importante deve ser feita a respeito de um apêndice inserido no fim da terceira e última edição em italiano das Constituições, a de 1885, quando Dom Bosco ainda vivia. Nesse apêndice constava uma carta circular de S. Vicente de Paulo e seis cartas de Santo Afonso Maria de Ligório “dirigidas aos seus religiosos e muito úteis também para os Salesianos”.¹⁸²

Um estudo aprofundado dessas sete cartas nos permitiria reconhecer o projeto, as expectativas e, particularmente, as preocupações do fundador dos Salesianos nos anos da consolidação da nova fundação.

5.10. O sentire cum Ecclesia e a obediência ao Papa

No campo *ecclesiológico*, as ideias do Colégio se moviam no sulco do ultramontanismo que caracterizara o surgimento das *Amizades*. A autoridade e o prestígio do Papa eram defendidos contra os “inimigos do primado” e as doutrinas não ortodoxas, mas também, por consequência, contra qualquer possível abertura para a “modernidade”.

A criar este clima de fervor em relação ao Papa tinham contribuído alguns fatores concomitantes ao evento da Revolução Francesa. Antes de tudo, o galicanismo que, relevando a peculiaridade da Igreja francesa em antagonismo à romana, esfriara as relações recíprocas; em segundo lugar, o próprio jansenismo, que sempre se mostrou polêmico em relação à cúria romana. Já Diessbach, tomando distância em relação a essas atitudes, tinha fundado as *Amizades* com base num programa de “adesão sem reservas” à “Santa Igreja Católica Apostólica Romana”.¹⁸³

¹⁸¹ P. BRAIDO, *Don Bosco fondatore. “Ai Soci salesiani” (1875-1885). Introduzione e testi critici*, Roma 1995, 37.

¹⁸² G. BOSCO, *Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il Decreto di approvazione del 3 aprile 1874*, Turim 1885³, 87.

¹⁸³ Cf. P. ZOVATTO, *La spiritualità dell’ottocento italiano*, in *Storia della spiritualità italiana*, editado por P. Zovatto, Città Nuova, Roma 2002, 508-511.

O presbítero formado no Colégio, portanto, é *capaz de sentire cum ecclesia*; aliás, é marcadamente *florromano* em todas as questões, não só religiosas, mas também políticas, em atitude crítica quanto a todas as tensões sociais que naqueles anos veem o Papa como um possível antagonista.

Não é difícil reconhecer, nesta descrição, a posição “política” que Dom Bosco manteve constantemente, também durante os anos difíceis das guerras de independência, e os traços característicos do seu amor e da sua dedicação ao Papa.

CONCLUSÃO

Meus irmãos, nunca esqueçamos que a nossa vida consiste mais no espírito, do que nas obras [...]; que, se quisermos que reine em nós este espírito, que não se esfrie, pelo contrário, que aumente e se inflame, é necessária, é indispensável uma contínua e constante vigilância sobre nós mesmos; inclusive, é indispensável um lugar, um tempo de retiro, de estudo, de exame de consciência do nosso dia; caso contrário, o que acontece, o que resulta? Estuda-se, prega-se, confessa-se, entretanto, como vai o nosso interior, que proveito faz e como estão as coisas do coração?¹⁸⁴

Como conclusão do nosso estudo parece oportuno fazer algumas reflexões.

A primeira consideração é de caráter semântico. Desde o início da nossa contribuição, decidimos usar expressões como *direção espiritual*, *acompanhamento espiritual*, *guia espiritual* e outras semelhantes, considerando-as equivalentes, sem preocupar-nos com a reflexão atual que, como sabemos, confere a estes termos conotações e acentuações diversas.

Pelo que afirmamos, é bastante evidente que a relação que liga Dom Bosco ao padre Cafasso é fortemente marcada em sentido *assimétrico*, apesar da diferença de idade entre os dois ser relativamente modesta. A expressão *acompanhamento espiritual*, de origem recente, tende a salvaguardar o papel do *helped* (ajudado) como protagonista da relação e não pertence à linguagem do século XIX.

É suficiente afirmar que a *obediência ao diretor espiritual* não implica necessariamente *passividade*, mas, fundando-se numa tradição muito antiga na

¹⁸⁴ G. CAFASSO, *Manoscritti*, [Copia Corgiatti], 5, 1874-1875.

história da espiritualidade, contém em si uma *aceitação ativa na fé*, de um projeto e de uma tarefa, além de um guia; analogamente, a natureza dessa relação não implica uma *distância* afetiva ou um afastamento emotivo. Talvez, neste tempo de subjetivismo radical, em que cada um parece ter-se tornado *norma* de si mesmo, essa relação constitua uma ocasião de reflexão e uma espécie de provocação.

No curso do nosso estudo pudemos colher quão grande é a *dívida* que o fundador dos Salesianos e a sua família espiritual têm para com o padre Cafasso e para com a formação recebida no Colégio Eclesiástico; uma dívida que, talvez, nunca foi totalmente paga, nem mesmo pelas primeiras gerações de Salesianos, fascinadas pela figura extraordinária do fundador e levadas mais a exaltar sua originalidade, além de suas virtudes e méritos. Nesta linha, sempre nos pareceu singular o *esquecimento* do santuário de S. Inácio, poucas vezes inserido nos itinerários dos lugares salesianos, o qual, sem dúvida alguma, representa uma “dimensão” que não pode ser descuidada da experiência espiritual de Dom Bosco.¹⁸⁵

No fim de junho de 2007, quando o pequeno Centro de Estudos de Espiritualidade Salesiana Santo Alfio (CT) organizou o encontro sobre o tema *São José Cafasso, o diretor espiritual de Dom Bosco*¹⁸⁶, tinha a intenção precisa de focar a figura do Santo de Castelnuovo e suas relações com o fundador dos Salesianos, além de penetrar de forma mais viva e pessoal na experiência espiritual de Dom Bosco. “A pesquisa sobre a espiritualidade de Dom Bosco e dos Salesianos, hoje – escrevera o padre Stella já em 1973 – talvez não esteja tão adiantada como a do sistema educativo. Este fato se impõe ao estudo do historiador e de quem desejar prognosticar os possíveis próximos desenvolvimentos do acontecimento salesiano [...]. Pode-se afirmar que o emergir ou não de uma reflexão espiritual, interna ou contígua ao movimento salesiano, poderá ser entendido como um sintoma do que será no futuro a Família Salesiana”.¹⁸⁷

¹⁸⁵ Dom Bosco esteve no santuário de S. Inácio por mais de trinta anos para fazer os seus Exercícios Espirituais, mas também muitas outras vezes, primeiro com Cafasso e depois com Golzio, como colaborador na animação dos Exercícios para leigos e como confessor. A título de exemplo, vejam-se MB II, 478; III, 536; X, 892. No santuário, Dom Bosco ocupava quase sempre o mesmo quarto, onde agora se encontra um elevador; somente a partir de 2007 uma pequena placa recorda esta presença.

¹⁸⁶ Os atos do encontro foram publicados no ano seguinte pela LAS com o mesmo título. O volume, cuidado por nós, contém também as relações dos padres Giuseppe Tuninetti, Lucio Casto e Raimondo Frattallone.

¹⁸⁷ P. STELLA, *Don Bosco e le trasformazioni sociali e religiose del suo tempo* in *La Famiglia salesiana riflette sulla sua vocazione nella chiesa di oggi*, aos cuidados dos padres P. Brocardo e M. Midali, Elledici, Turim-Leumann 1973, 167-168.

A memória viva de Dom Bosco exige a amorosa *escuta* do fundador, a meditação dos seus escritos, o interesse pela sua interioridade, o estudo, a oração, a reflexão; isso deve acontecer sem aproximações simplistas, sem operar perigosas *reduções* do carisma e a partir de critérios hermenêuticos consolidados, a fim de “reconhecer” e valorizar alguns traços carismáticos irrenunciáveis.